

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**PARTICIPAÇÃO POPULAR NO BAIRRO BOSQUES DO
LENHEIRO EM PIRACICABA/SP:
Estudo das formas de organização na perspectiva da
educação popular**

Ozânea Gonçalves Santana

PIRACICABA, SP
2010

**PARTICIPAÇÃO POPULAR NO BAIRRO BOSQUES DO
LENHEIRO EM PIRACICABA/SP:
Estudo das formas de organização na perspectiva da
educação popular**

Ozânea Gonçalves Santana

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Anna Maria Lunardi Padilha

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Anna Maria Lunardi Padilha como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

PIRACICABA
2010

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Anna Maria Lunardi Padilha - orientadora

Prof^a. Dr^a Maria de Lourdes Ramos - USP

Prof^a. Dr^a. Márcia Aparecida Lima Vieira – UNIMEP

Prof^a. Dr^a Maria Guiomar Tomazzello - UNIMEP

À minha mãe que sempre acreditou, até nas vezes que desisti.
AMO-A MUITO!

Aos meus irmãos, sempre amigos e companheiros.
SEMPRE OS AMAREI!

À minha sobrinha que em sua incansável curiosidade me fez mais feliz.
VOCÊ VIVE NO MEU CORAÇÃO!

À minha orientadora.
ESTAMOS JUNTAS, COMPANHEIRA!

AGRADECIMENTOS

Meu amor aos meus pais, **Antonio e Orlanda**. A minha mãe agradeço por quando no ensino fundamental por duas vezes em anos distintos, me deixar parar de estudar, eu precisava de férias!

Meu amor aos meus irmãos, **Wander** (*in memoriam*), **Nilva e Wesley**. A eles agradeço o companheirismo e bom humor que me enche de esperanças e sonhos.

Meu amor aos meus sobrinhos, **Jessica, Sara Maria e João Pedro**, pessoas pequenas com um mundo por descobrir, meus encantos.

Meu amor aos meus tios, tias, primos e primas que sonharam junto. Em especial aqueles que ousaram caminhar comigo em direção a conquista do mundo acadêmico.

*Se queremos progredir, não devemos repetir a história,
mas fazer uma história nova.*
Mahatma Gandhi

Meu amor, carinho, respeito e amizade a minha estimada mestra, doutora e orientadora **Anna**.

*Digo: o real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia*
João Guimarães Rosa

Meu carinho e agradecimento para as mestras doutoras professora do núcleo **Maria Cecília, Magui e Maria Inês**.

*A mente que se abre a uma nova idéia
jamais voltará ao seu tamanho original*
Albert Einstein

Meu respeito e carinho aos amigos **Fellipe R. Pereira e Felipe de Menezes**
Aos amigos que sempre estiveram comigo nesta conquista **Aláide, Caroline, Fernando, Márcia Cristina, Márcia Vieira e Tatiana**.

Amor todos os amigos mais queridos encontrados na estrada da vida.

*Não preciso de modelos.
Não preciso de heróis.
Eu tenho meus amigos.*
Renato Russo

Agradecimento às professoras que participaram da Banca de Qualificação:
Maria de Lourdes Ramos, Magui Tomazzello e Márcia Vieira.

Gratidão especial à **UNIMEP** e as “meninas” da secretaria pelos sorrisos e carinho.

Gratidão a CNPq.

Cada homem deve inventar o seu caminho.
Jean-Paul Sartre

RESUMO

Este trabalho tematiza os modos de participação popular no bairro Bosques do Lenheiro em Piracicaba desde sua origem, buscando compreender as formas de organização dessa população no espaço geográfico que ocupam na perspectiva da educação popular e a Associação de Moradores foi o espaço público escolhido para descrição e para análise. Nele, assumiu-se o referencial teórico do materialismo histórico-dialético com pensadores que ajudam a compreender como se dão as relações entre as pessoas, suas formas de organização, o espaço geográfico que ocupam e como ocorre o processo educativo; trata-se de Marx e Engels, Gramsci, Milton Santos e Paulo Freire. Metodologicamente trabalhou-se com consulta aos documentos e registros oficiais da constituição do bairro; dossiê produzido pelo Núcleo de Estudos e Programas em Educação Popular da Universidade Metodista de Piracicaba e com o mapa oficial do bairro. Foram realizadas e registradas entrevistas semi-estruturadas com lideranças e moradores. Fica evidenciado que o que acontece no Bosques do Lenheiro são ações ainda dispersas, motivadas mais pelo desejo de resolver problemas imediato do que ações intencionalmente dirigidas para mudanças mais profundas nas relações e estruturas sociais. A passagem da consciência ingênua para a consciência de ser oprimido e, portanto, para ações de efetivo compromisso com a classe trabalhadora, ainda está por acontecer.

Palavras-chave: Participação Popular, Educação Popular, Associação de Moradores

ABSTRACT

This paper deals modes of popular participation in the neighborhood Woods Lenheiro Piracicaba since its origin, seeking to understand the ways of organizing the population in the geographic space they occupy in the perspective of popular education and Residents Association public space was chosen for description and analysis. In it, we have assumed the theoretical framework of historical materialism, dialectical thinkers that help to understand how relationships between people, their forms of organization, the geographical space they occupy and how the educational process occurs, it is Marx and Engels, Gramsci, Milton Santos and Paulo Freire. Methodologically worked with consultation documents and official records of the constitution of the neighborhood; dossier produced by the Center for Research and Popular Education Programs at the Methodist University of Piracicaba and official map of the neighborhood. Were conducted and recorded semi-structured interviews with leaders and residents. It was evident that what happens in the Woods Lenheiro actions are still dispersed, motivated more by a desire to solve immediate problems than actions intentionally aimed for deeper changes in relations and social structures. The passage of naive consciousness to the consciousness of being oppressed and therefore for the planning of effective engagement with the working class, is yet to happen.

Keywords: Popular Participation, Popular Education, Association of Residents

APRESENTAÇÃO

Quando se anda pelo bairro, gente andando, muitas crianças e adolescentes na rua. Ruas asfaltadas, circulares rodando, recebendo e entregando adultos, crianças, idosos. Ônibus escolares levando e trazendo crianças de escolas de outros bairros. Gente em suas casas: casas com muro, casas pequenas, outras reformadas, pintadas. Nas portas de algumas casas, crianças e idosos; na frente de outras, adolescentes e jovens. Árvores pequenas porque, apesar de se chamar “Bosques”, foram plantadas há pouco tempo. Uma praça abandonada, ocupada pelo mato, escondendo o gira-gira, a gangorra e o balanço. Muito lixo. Desde 1999 quando o bairro começou a existir pessoas saem e entram como moradores dele. Compram e vendem suas casas. Vão aos bares, que são muitos, freqüentam mercados, lojas de roupas usadas porque de roupas novas não tem. Farmácia? Só se forem para o bairro vizinho. A maioria freqüenta as celebrações da igreja católica que acontece no centro comunitário onde um padre vai uma vez por semana para batizar, casar, ouvir confissões ou dar a extrema unção. Outros vão fazer orações em templos evangélicos. Alguns moradores têm hora marcada para as reuniões do Centro Comunitário, participam das atividades que lá acontecem. Reuniões da Associação dos Moradores de tempos em tempos. Professoras chegam de carro, de moto ou de ônibus: a aula vai começar. As crianças do 1º ao 5º ano chegam sozinhas ou em grupos porque vêm dos mesmos lugares. O café da manhã é na escola. O almoço também. Ainda tem merenda no intervalo. A quadra de esportes é usada: somente nas aulas de Educação Física. Junto com os gritos das crianças, a algazarra dos que são um pouco mais velhos, o barulho dos ônibus, dos carros e de dentro das casas e dos bares o constante som alto do *funk*, do *rap* e do pagode. Gente que trabalha na cidade ou no próprio bairro, gente que trabalha em casa e gente que não trabalha: por falta de opção e por opção. A Secretaria de Ação Cultural, vez ou outra promove uma festa para os moradores. Gente estranha ao bairro – muita gente! Cestas Básicas são distribuídas sistematicamente. São tantas as Organizações Não Governamentais (ONGs) que já perderam a conta. Alguns universitários da cidade ou de outros cantos estão por lá fazendo pesquisas ou estágios: são alunos da Fisioterapia, Nutrição, Psicologia, Pedagogia, Farmácia, Enfermagem, Fonoaudiologia, Ciências Sociais. A polícia fica em um posto de atendimento na entrada do bairro. O Posto de Saúde fica aberto à população uma parte do dia, nas filas, as mães com seus bebês e lá dentro uns poucos médicos e vários estagiários.

SUMÁRIO

PASSOS EM DIREÇÃO À INVESTIGAÇÃO.....	10
CAMINHOS QUE ME CONDUZIRAM À PESQUISA	14
TEÓRICOS PRESENTES NO CAMINHO DA PESQUISA.....	18
Introdução aos Conceitos: Movimento Social, Participação Popular e Educação Popular	20
CONSTITUIÇÃO DO BAIRRO BOSQUES DO LENHEIRO ...	31
A chegada dos moradores: as conquistas e os conflitos.....	33
Do agrupamento de moradores à organização do bairro	37
Escola no bairro: participação garantida?.....	40
ESPAÇO PÚBLICO DE PARTICIPAÇÃO POPULAR.....	47
Associação de Moradores.....	48
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS	60
ANEXOS	

PASSOS EM DIREÇÃO À INVESTIGAÇÃO

*... recria tua vida, sempre, sempre.
remove pedras e planta roseiras e faz doces.
Recomeça.
Cora Coralina¹*

¹ Todas as epígrafes desse texto disponível em <http://www.pensador.info/> acesso em 08/03/2010

Uma questão que sempre me incomodou quando se fala em “comunidades de periferia” ou das “classes populares”, é a estranha sensação circulante no senso comum, de que não há participação da população; que não há vontade de mudança; que as pessoas são acomodadas; que são pobres porque não lutam para que esta condição mude. Essas afirmações me incomodam por me parecerem preconceituosas² e infundadas. Afinal, de qual participação falamos e o que conhecemos da dinâmica cotidiana dessas comunidades?

Em 1997 iniciei a graduação em Nutrição na Universidade Metodista de Piracicaba, nesse período meu desejo era trabalhar em projetos sociais. A carência financeira me obrigou a trabalhar como bolsista no NEPEP³, núcleo da Universidade que atuava com Educação Popular. O tempo foi passando e cada vez mais me envolvi com as demandas educativas na mesma proporção em que me distanciava da Nutrição como escolha profissional. Não que julgue desnecessária a formação desses profissionais, principalmente para um país como o nosso, carente, empobrecido e com um contingente tão vasto de famintos, mas começava a crer que as pessoas também tinham fome de algo mais que comida. A Educação parecia ser o prato principal, mais precisamente a Educação Popular, da qual estava a me alimentar cada vez mais no NEPEP.

Sim, pensei em mudar de curso, mas as contingências me fizeram acreditar que seria melhor concluir o curso de Nutrição, para então partir para um novo desafio: graduação em Pedagogia.

Nos quatro anos em que cursei Nutrição, participei do NEPEP, fui alfabetizadora de Jovens e Adultos em um projeto com os vigias e motoristas da UNIMEP, com funcionários de um hospital. Também fui coordenadora pedagógica do Programa Alfabetização Solidária Nordeste e Grandes Centros Urbanos. Era eu uma educadora.

Concluí o curso de Nutrição. O envolvimento com Alfabetização de Jovens e Adultos era grande e fui, em 2001, alfabetizar moradores do Lar dos Velhinhos de Piracicaba a convite do NEPEP. Já não era mais bolsista, entretanto havia um vínculo criado pela paixão em torno da Educação Popular

² Quando Patto (2008) explica o pensamento de Agnes Heller, afirma que “o juízo provisório, embora indispensável à vida cotidiana, traz o risco de cristalizar-se em preconceito pois ao dar tratamento grosseiro à singularidade, subsume-a, por analogia, a uma só categoria e produz uma hipergeneralização” (p.19). O preconceito, portanto, é um “*caso particular* de juízo provisório” (p.21).

³ NEPEP – Núcleo de Estudos e Programas em Educação Popular.

que não permitia que uma simples conclusão de curso me afastasse dos projetos.

Fiquei no Lar dos Velhinhos de Piracicaba por um ano, quando fui chamada para trabalhar no Recanto da Esperança, uma entidade mantida pela Prefeitura Municipal de Piracicaba, destinada a meninos em situação de vulnerabilidade social. Metade dos meninos que frequentava a instituição vinha do Bairro Bosques do Lenheiro. O leitor entenderá porque me refiro a esse bairro no decorrer desta dissertação.

De novo essa questão de participação voltou a me incomodar: os meninos contavam histórias do bairro, e como moradora do bairro vizinho ao Bosques, muitas narrativas feitas pelos garotos já eram de meu conhecimento, porém de outra forma, com outro olhar, diferente daquele que tenho hoje. A aparente não participação dos moradores daquele bairro sempre estava vinculada ao fato de ser um bairro estigmatizado e marcado pela pobreza, violência e preconceito.

Em 2008, finalmente consegui dar início ao curso superior de Pedagogia e no final deste mesmo ano passei no processo seletivo de pós graduação em educação. Segui com os dois.

De alguma forma esses questionamentos sobre Educação Popular, formação de comunidade, organização e principalmente participação popular, influenciaram-me na escolha do meu objeto de estudo e no problema que delimita esta pesquisa, como exponho no tópico: **CAMINHOS QUE ME CONDUZIRAM À PESQUISA.**

Sou uma educadora popular que ao dar início aos estudos em nível de mestrado, fui, aos poucos, me constituindo pesquisadora. Alimentam meus estudos, entre outros autores, os pensadores que apresento no capítulo: **TEÓRICOS QUE ILUMINAM O CAMINHO DA PESQUISA.** São esses teóricos que fundamentam os estudos e explico de que forma: contribuem para minha formação, para minha visão de mundo, para minha compreensão sobre a participação popular. Seus conceitos me ajudam a compreender como se dão as relações entre as pessoas, suas formas de organização, o espaço geográfico que ocupam e como ocorre o processo educativo. Trata-se de Marx e Engels, Gramsci, Milton Santos e Paulo Freire.

No subtema que se segue, abordo e problematizo os conceitos de movimento social, participação popular e educação popular sob pontos de vista de variados autores⁴, com o desejo de observar como esses processos se desenvolvem dentro de uma comunidade urbana.

O bairro Bosques do Lenheiro será apresentado em **CONSTITUIÇÃO DO BAIRRO BOSQUES DO LENHEIRO**. Nesse capítulo, destaco o ano de início da construção das casas, em 1997 e que ficaram prontas em 1999. Os moradores tomaram posse das chaves em dezembro de 1999.

Depois do início desta investigação pude verificar que na cidade de Piracicaba - SP, outro bairro com características semelhantes está se formando, inclusive com ocupações irregulares de casas. Situar o Bosques do Lenheiro no cenário histórico brasileiro é relevante para demonstrar que outras comunidades periféricas - em termos do espaço que ocupam em relação ao centro das cidades e porque são/estão empobrecidas - de alguma forma estão marcadas com estigmas, tal qual o Bosques. E mais, que as relações que lá se constituem não são exclusividade daquele bairro.

A história da constituição do bairro foi elaborada a partir de memórias dos moradores reveladas em contato pessoal nos bate-papos informais, algumas gravadas, outras anotadas em diário de campo. Também pesquisei em documentos oficiais. A leitura atenta do mapa do bairro teve, igualmente, importância para apurar meu olhar. Se, por um lado recorri aos documentos, por outro, sem entrevistas estruturadas nem questionários, queria a história narrada e toda a sua emoção.

Portanto a escolha deste bairro como foco do meu olhar está pautada em minhas relações pessoais e de participação comunitária como educadora popular.

Tais questões tornam-se relevantes, pois educação é relação, envolvimento, é reconhecimento do lugar em que vivem os educandos, das múltiplas configurações que interferem no modo como as pessoas estabelecem relações com os outros e com o mundo. Portanto, compreender a história do bairro, dando voz aos sujeitos que ali vivem e que relatam sua experiência,

⁴ Cabe lembrar que são muitos os mirantes teóricos dos quais se estuda esses conceitos e que, também eles, constituem inúmeras narrativas.

pode colaborar para a compreensão do modo como a educação pode contribuir na vida das pessoas.

Ao apresentar e analisar os **ESPAÇO PÚBLICO DE PARTICIPAÇÃO POPULAR** delimitarei-os com a finalidade de constituírem, afinal, os objetivos mais específicos desta investigação: a Associação de Moradores. Trago também, alguns aspectos de outra instância de participação: o Conselho de Escola, sem ater-me, no entanto, às análises com a profundidade que essa questão merece. Apenas esboço algumas contradições que ficaram evidenciadas nas entrevistas e por esse motivo o Conselho de Escola é abordado no capítulo **CONSTITUIÇÃO DO BAIRRO BOSQUES DO LENHEIRO** nos subtemas “Escola no bairro: participação garantida?” e “Sobre os Conselhos de escola: Alguns apontamentos”

Cabe dizer aqui, para finalizar a Introdução, que nesta dissertação estão a minha vivência como educadora-militante/pesquisadora e o meu envolvimento com a população de um bairro da cidade, minhas opções teóricas, e, principalmente um modo peculiar de abordar as questões da educação, pouco frequentes nas dissertações de mestrado em Educação. No entanto, com a necessidade de delimitação é que me demoro mais na Associação de Moradores como canal de processo educativo e de politização.

CAMINHOS QUE ME CONDUZIRAM À PESQUISA

*O caminho agonizava, morria
sozinho...
Eu vi...
Porque são os passos que fazem os caminhos!*
Mário Quintana

Em 2005 a Câmara Municipal de Piracicaba contava com alguns vereadores que participavam do Fórum da Cidadania. Após uma pesquisa organizada por eles, chegaram à conclusão de que a população, de modo geral, não conhecia a função do Legislativo, expresso na Lei Orgânica do Município. Sabendo que na Universidade Metodista de Piracicaba havia um núcleo de estudos sobre educação popular (NEPEP) solicitaram a elaboração de um projeto educativo. Tal projeto seria desenvolvido junto às lideranças dos bairros da cidade, em encontros semanais, nos centros comunitários, igrejas, ONGs e escolas, com o intuito de: a) apresentar a estrutura e as principais funções da Câmara de Vereadores e sua necessária relação com a sociedade civil; b) discutir e apresentar o papel do Vereador e do Prefeito Municipal; c) refletir junto às comunidades sobre as possibilidades de ampliação da participação popular por meio de mecanismos oferecidos pela Câmara de Vereadores como: Audiência Pública, Tribuna Popular, Reuniões Itinerantes, Reuniões Ordinárias, Extraordinárias, Temáticas e Solenidades; d) apresentar aos participantes o que é Conselho Gestor e suas características legais e estruturais discutindo a importância da participação popular; e) esclarecer sobre finanças públicas e sua importância para o Município (Lei de Diretrizes Orçamentária – LDO, Lei de Responsabilidade Fiscal – LRF, Plano Plurianual – PPA, Lei Orçamentária Anual – LOA e Lei de Licitações e Contratos) (UNIMEP, 2005).

Participei desse projeto em 2006 (ao mesmo tempo em que coordenava o grupo de alfabetização de jovens e adultos, no bairro objeto desse estudo) e 2007, como educadora popular, fazendo parte de um grupo contratado pela Câmara de Vereadores e formado pelo NEPEP. Nos nossos grupos de estudo na Unimep, preparávamos os encontros com líderes das comunidades tendo em vista os objetivos do projeto, ancorado nos fundamentos da Educação Popular proposta pelo pensador e educador Paulo Freire.

Nesse projeto tive contato com vários bairros da cidade, no entanto, o “Bosques do Lenheiro” chamou minha atenção de uma maneira especial – eu tinha contatos anteriores com alguns moradores devido aos trabalhos lá realizados, como já narrei anteriormente. O interesse pela história da formação do bairro e pela vida de sua população levou-me a desejar aprofundamento teórico - por isso o mestrado - e a realização desta pesquisa cuja proposta é: Identificar os modos de participação popular no bairro Bosques do Lenheiro em Piracicaba desde sua origem, buscando compreender as formas de organização dessa população no espaço geográfico que ocupam na perspectiva da educação popular.

Dizendo de outro modo, compreender de que forma na **história do bairro** é possível identificar a participação popular e participação do poder municipal que contribuíram para a **constituição da vida comunitária**; como se deu e se dá a **participação dos moradores** do bairro na Associação de Moradores e depois que passaram a morar no Bosques do Lenheiro, em que medida é possível falar em **educação popular**, no fenômeno social estudado.

Segundo Triviños (1987) cabe ao investigador avaliar as circunstâncias e buscar o melhor caminho da pesquisa. Estar em muitas situações como participante da comunidade estudada me deixa, por um lado, mais à vontade nos contatos pessoais que realizava e, por outro, constitui um obstáculo a enfrentar – o distanciamento necessário de que precisa o pesquisador. É um desafio.

Parece-me esclarecedor o que diz Oliveira (2001) ao tratar dos caminhos de construção da pesquisa em Ciências Sociais:

(...) o método não representa tão somente um caminho qualquer entre outros, mas um caminho seguro, uma via de acesso que permite interpretar com a maior coerência e correção possíveis as questões sociais propostas num dado estudo, dentro da perspectiva abraçada pelo pesquisador (p.17, grifo meu).

Não se trata de “um caminho qualquer”. Abraçar uma perspectiva teórica já é parte do caminho que vai se constituir em via de acesso para a interpretação das questões propostas. Não se trata também de estratégias ou técnicas, caso contrário não se supera o entendimento meramente instrumental da metodologia – um equívoco frequente. O objeto de estudo não faz, por si, a

escolha do referencial teórico, pois esse papel é do pesquisador. A escolha do método de estudo é também fruto da opção teórica.

Shaff (1991) configura a atitude do pesquisador quando explica o caminho da busca do conhecimento científico:

O sujeito que conhece “fotografa” a realidade com a ajuda de um mecanismo específico, socialmente produzido que dirige a “objetiva” do aparelho. Além disso, “transforma” as informações obtidas segundo um código complicado das determinações sociais que penetram no seu psiquismo mediante a língua em que pensa, pela mediação da sua situação de classe e dos interesses de grupo que a ela se ligam, pela mediação das suas motivações conscientes ou subconscientes e, sobretudo, pela mediação da sua prática social sem a qual o conhecimento é uma ficção especulativa (p.82).

Nessa perspectiva, a ênfase é dada nas relações concretas de vida social, Marx (1996) afirma que o homem é o conjunto das relações sociais; entre as idéias e a base material, ou seja, o fundamento está no caráter histórico, materialista e dialético. No materialismo dialético, a busca por dar importância fundamental à prática social como critério para compreender a realidade pesquisada. Já no materialismo histórico, a atenção dada à formação dos grupos humanos, às relações materiais dos homens com a natureza e entre si: como os indivíduos se organizam e/ou são organizados.

Ciente de que ainda estou no início do caminho para me tornar pesquisadora e que os novos conhecimentos que venho adquirindo estão em processo de apropriação. Dessa forma, me proponho a seguir alguns passos, interrelacionando-os para obter as informações de que necessito:

a) Consulta aos documentos e registros:

Dossiê sobre o bairro Bosques do Lenheiro escrito pelo Núcleo de Estudos e Programas em Educação Popular (NEPEP);

Registros da Empresa Municipal de Desenvolvimento Habitacional de Piracicaba (EMDHAP);

Primeiro Mapa Oficial do Bairro;

- b) Entrevistas semi-estruturadas⁵ como técnica para obter informações referentes à origem e história do bairro, a participação popular e educação popular, áudio-gravadas e/ou registradas em Caderno de Campo com: Presidente da Associação de Moradores e sua esposa, ex-membros do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto; as Assistentes Sociais do bairro e circunvizinhanças; duas professoras, sendo uma delas coordenadora pedagógica da Escola Municipal José Pousa de Toledo, a primeira escola construída no bairro; Coordenador e educador popular do NEPEP; Advogado do MST⁶;
- c) Conversas com moradores, registrando em caderno de campo e/ou áudio-gravação relatos e memórias;
- d) Observação livre, ou seja, atentar para indícios da dinâmica das relações sociais, nelas estando presente.

Até aqui, a intenção foi apresentar os motivos que me levaram à investigação, meus objetivos delimitados, os caminhos da pesquisa. Nenhum desses tópicos poderia ser abordado sem um suporte teórico - uma concepção. Escolher um caminho e não um caminho qualquer, para compreender a realidade e relacionar documentos, entrevistas, conversas e observações. Para tanto, a seguir apresento os teóricos que me ajudam na análise das questões que são objetos de estudo.

⁵ Utilizo o termo “semi-estruturada” no sentido que dá a ele Triviños (1987): “ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (p.146).

⁶ Esse advogado atua em movimentos de habitação popular.

TEÓRICOS PRESENTES NO CAMINHO DA PESQUISA

*O vento experimental
o que irá fazer
com sua liberdade...
Guimarães Rosa*

Os pensadores que aqui serão apresentados estiveram no decorrer dos estudos, fazendo parte da constituição de uma concepção de mundo, de sociedade, de relações sociais. A intenção é que eles me ajudem a ser coerente aos princípios teóricos.

Os filósofos Karl Marx e Friedrich Engels (1996) e alguns de seus seguidores me dão suporte, para compreender que o homem é um ser histórico, que vive em determinado espaço e tempo e assimila as idéias que predominam durante seu período de vida bem como as que o antecedem, pois, ao nascer, ele já herda todo o patrimônio cultural da humanidade. “A essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo singular. Em sua realidade é o conjunto das relações sociais” (MARX e ENGELS, 1996, p.13). Ainda em *A Ideologia Alemã*, esses autores apontam que a construção da cidade, mesmo sendo um avanço em relação às grutas e choupanas dos povos muito antigos, requer condições materiais para isso. É necessária a utilização de muitas forças produtivas, a iluminação, o abastecimento de água, a utilização de forças naturais.

A produção da vida, tanto da própria, no trabalho, como da alheia, na procriação, aparece como dupla relação: de um lado como relação natural, de outro, como relação social no sentido de que se entende por isso a cooperação entre vários indivíduos, quaisquer que sejam as condições, o modo e a finalidade (MARX e ENGELS, 1996, p.42).

O intelectual italiano Antonio Gramsci contribui com reflexões sobre a possibilidade de o homem controlar seu próprio destino – “o homem é um processo, precisamente o processo de seus atos” (1989, p.38). Para ele, os homens não entram em relação com outros homens por justaposição, por estar ao lado, simplesmente, mas porque se organizam, passam a fazer parte de organismos, dos mais simples aos mais complexos.

Transformar o mundo exterior, as relações gerais, significa fortalecer a si mesmo, desenvolver a si mesmo. É uma ilusão e um erro, supor que o “melhoramento” ético seja puramente individual: a síntese dos elementos constitutivos da individualidade é “individual”, mas ela não se realiza e desenvolve sem uma atividade para o exterior, atividade transformadora das relações externas, desde as com a natureza e com os outros homens – em vários níveis, nos diversos círculos em que vive – até à relação máxima, que abraça todo o gênero humano. Por isso é possível dizer que o homem é essencialmente “político”[...]. (GRAMSCI, 1989, p.47-48)

As relações não são mecânicas, são ativas e conscientes, ou seja, “correspondem a um grau maior ou menor de inteligibilidade que delas tenha o homem individual” (idem, p.40). Para Gramsci (1989), o ambiente é o conjunto das relações sociais da qual cada um faz parte. Conscientizar-se dessas relações modifica as próprias relações.

O geógrafo Milton Santos (2002) traz importante contribuição em relação aos conceitos de territorialidade, ou seja, a formação socioespacial, globalização e cidadania. Ele fala de um país distorcido, olhado de forma acrítica, desenraizada – porque tal olhar se recusa a adentrar o território para conhecer as pessoas que vivem nele.

A maior parte das pessoas não é, hoje, diretamente responsável por estar aqui e não ali, vítimas de migrações que podem ser qualificadas como forçadas. Os lugares todos se descaracterizam [...]. Cada vez mais as idéias de lugar e localização, antes irmãs gêmeas, aparecem como divorciadas (SANTOS, 2002. p.22).

Para Santos (2007), o território não pode ser visto unicamente como uma superposição do que é natural e do que é construído pelo homem. O território é o chão e a população que habita este chão. Aí os homens constroem o sentimento de pertencimento. “O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi” (p. 96). O autor se refere ao “território usado” utilizado por uma população e

como tal é um campo de batalha, uma arena de luta de interesses. Mas, diz ele, também é o *locus* de possibilidades de solidariedade.

O pensador e educador Paulo Reglus Neves Freire desenvolveu, mais do que uma prática de alfabetização de adultos, concebeu o que ele mesmo chamou de “prática educativo-crítica”⁷. Para ele a educação é um direito fundamental do ser humano. Direito este que permitirá a conquista de outros direitos, pois pode permitir que a pessoa passe a perceber o mundo criticamente e ao mesmo tempo tenha condições de assumir suas responsabilidades na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. É através da relação dialógica que se consolida a educação como prática da liberdade.

Não junto minha voz à dos que, falando em paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a resignação. Minha voz tem outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da “justa ira” dos traídos e dos enganados. Do direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas (FREIRE, 2005, p.101).

Se esses autores são pilares das reflexões - no sentido de que orientam concepção de vida, de sociedade, de participação e educação popular e de territorialidade - outros tantos estarão presentes, compondo o quadro das referências teóricas.

Introdução aos Conceitos: Movimento Social, Participação Popular e Educação Popular

Recorro a alguns autores, na tentativa de esclarecer esses conceitos, alertando sobre o reconhecimento de que estes foram se modificando no decorrer da história e, que, neste texto não esgotaremos todos os significados possíveis. Trata-se de algumas considerações para entender como se deu e se dá a organização dos moradores do bairro Bosques do Lenheiro desde sua origem a fim de responder às questões propostas neste estudo sobre a participação popular desta comunidade na Associação dos Moradores, que conceituarei em outro capítulo.

⁷ Entende-se aqui educação - crítica o conceito que Paulo Freire desenvolve em toda sua obra.

Ao tratar de elementos dos movimentos sociais Scherer-Warren (1983), ressalta que na Sociologia acadêmica o termo movimentos sociais surgiu em meados de 1840 com Lorenz Von Stein, como necessidade para uma ciência da sociedade que se debruçasse sobre o tema. Desde então alguns critérios têm sido utilizados na caracterização dos movimentos sociais:

Refere-se a um grupo mais ou menor organizado, sob uma liderança determinada ou não, possuindo um programa, objetivos ou plano comum, baseando-se numa mesma doutrina, princípios valorativos ou ideologia, visando um fim específico ou uma mudança social. (p.3)

O conceito de movimento social surgiu, portanto, no século XIX associado ao estudo do movimento operário francês, segundo Rudá (2009, p.01). Para este sociólogo e cientista social, as práticas dos movimentos sociais, principalmente os brasileiros, foram se alterando dos anos 80 do século XX até os dias de hoje. Se a gênese dos movimentos caracterizava-se por mobilizações não institucionalizadas de segmentos sociais que buscavam direitos acabaram por ser institucionalizados, hierarquizados, vivendo de financiamentos e organizando-se com um corpo diretivo e administrativo estáveis e com participação - direta ou não - de esferas públicas. Tornaram-se organizações sociais. Mesmo servindo, ainda, como mobilizações sociais, perderam seu ideário.

Dessa forma, o verdadeiro sentido de movimento social, segundo o autor, é a luta pelos direitos que garantam a autonomia política e social da população e a garantia das conquistas, portanto, a garantia do poder da sociedade civil. Sem participação e controle social, os direitos tornam-se uma dívida e se reduzem a interesses de grupos sociais.

É possível identificar as afirmações de Rudá como decorrentes, também, dos estudos de Gohn (2004a) quando a autora explica que a partir de 1990, “os movimentos sociais deram origem a outras formas de organizações populares, mais institucionalizadas, como os fóruns nacionais de luta pela moradia popular” (idem p.01). O Estatuto da Cidade e o Orçamento Participativo, de acordo com Gohn (2004a), é resultado dessa luta. Interessante e pertinente as constatações da autora, no mesmo texto. Diz ela:

Resta mencionar um novo movimento de bairro, diferente do movimento já tradicional em várias partes do Brasil, das associações de moradores ou sociedades amigos de bairros. Tratam-se de Centros comunitários voltados para a organização de parcelas da população que se dedicam a produção e comercialização inúmeros de produtos de uso doméstico ou de alimentação, galpões de reciclagem de produtos, produção de alimentos sem agrotóxicos, fabriquetas de tijolos, apiários, granjas, produção caseira de queijos, doces, uma infinidade de atividades nucleadas em cooperativas ou associações nos próprios bairros populares. Por detrás dessas associações existem ONGs, de caráter mais abrangentes. Elas assessoram os grupos na montagem dos projetos para o pedido de financiamento, relatórios etc. (GOHN, 2004b, p.1).

A autora lembra que os movimentos populares/sociais, nos anos 70 e 80 do século XX foram estimulados pela Teologia da Libertação⁸. Hoje perderam visibilidade, alteraram suas práticas e fortaleceram a construção de redes sociais, entre elas, as organizações não governamentais (ONGs), de tal forma que deixaram de lado as contestações às políticas públicas, tornando-se parceiros delas – é comum a utilização do termo “parceria” para designar muitas ONGs.

O termo participação popular é largamente utilizado nas propostas de gestões governamentais, seja no âmbito municipal, estadual ou federal, quando se referem à participação do povo, sobretudo nos Conselhos ou mesmo nas reuniões de Orçamento Participativo. Existe inclusive um Fórum Nacional de Participação Popular que tem como “objetivo avaliar e sistematizar as experiências de participação popular, promover a socialização destas experiências e estimular a participação popular nas administrações locais para o exercício social na gestão pública.” (TEIXEIRA et al., s/d, p. 6)

Na obra *O que é participação?*, Bordenave (1985), diz que a participação é inerente a natureza social do homem, que esta acontece de qualquer forma, estimulada ou não, afinal o homem não é uma ilha. Entretanto existem formas de participação e todas elas alteram a vivência humana. Quando a

⁸ De acordo com Gutierrez (2000) a Teologia da Libertação tem sua matriz histórica na vida do povo pobre, de modo especial, na vida de comunidades cristãs. O nascimento dessa corrente foi entre final da década de 60 e início de 70, inicialmente desenvolvida na América Latina, no Terceiro Mundo e nas periferias pobres do Primeiro Mundo.

participação popular acontece no âmbito político partidário nas reuniões de Orçamento Participativo ou Conselhos Municipais, dá a impressão que esta participação é melhor observada considerando as formas de avaliação que esta possibilita: quantidade de pessoas e até a importância dada pela mídia. No entanto, esta participação pode não ter um significado efetivo se, por exemplo as pessoas não tiverem o conhecimento do porquê e do que estão participando. Segundo Bordenave (1985), há ainda outros espaços de participação:

O homem participa nos grupos *primários*, como a família, o grupo de amizade ou de vizinhança, e participa também dos grupos *secundários*, com as associações profissionais, sindicatos, empresas. Participam ainda dos grupos *terciários*, como os partidos políticos e movimentos de classes. (, p.23 grifos do autor)

E dentro desses grupos o autor destaca a micro e a macro participação. A micro participação acontece no nível primário. Muitas vezes as pessoas não se dão conta que podiam e deveriam também participar em nível secundário e terciário que é o que compreende a macro participação. Ou ainda na participação macrossocial, na intervenção das pessoas nos processos que modificam a sociedade, na política, nas produções culturais e bens materiais.

Bordenave (1985), ainda divide a participação em afetiva e instrumental. A Participação com base afetiva revela o prazer na participação, nesta categoria participamos porque nos sentimos bem, por que gostamos. Já a participação com base instrumental faz parte da estratégia do juntos somos mais, mais eficazes, mais eficientes, juntos conseguimos o que sozinhos seria muito mais difícil. Trata-se, então, da participação com intenção de unir forças.

De fato, as pessoas participam de reuniões de família, de festas, de associações, de movimentos, da vida política. A palavra *participação* tem sido usada freqüentemente em todos os setores da sociedade com o intuito de mostrar que a vontade popular é de alguma forma privilegiada. E ao mesmo tempo em que pode-se observar o crescente movimento de participação popular, em sindicatos, associações, igrejas. Entretanto as lideranças relatam dificuldades em conseguir a participação das pessoas, principalmente o envolvimento com esta participação, desta forma Bordenave (1985) afirma que:

Uma sociedade participativa seria, então, aquela em que todos os cidadãos têm parte na produção, gerência e usufruto dos bens da sociedade de maneira equitativa. Toda estrutura social e todas as instituições estariam organizadas para tornar isso possível (p.25).

Na perspectiva desse autor, são exemplos de participação popular, participar das reuniões da escola do filho e se envolver com o seu processo de aprendizagem, verificar caderno e deixar os afazeres impostos pelos meios de comunicação de massa e literalmente sair da frente da televisão, para enfim contribuir na comunidade em que vive, para questionar, refletir e iniciar outro movimento.

Embora haja tantas formas de participação - afetiva, instrumental, micro, macro -, a participação popular transformadora da sociedade parece só se constituir quando o *como* se participa é questionado e refletido coletivamente.

Deve-se a Paulo Freire (2000) uma expressiva afirmação sobre participação popular:

Para nós, a participação não pode ser reduzida a uma pura colaboração que setores populacionais devessem e pudessem dar à administração pública. Participação ou colaboração, por exemplo, através dos chamados mutirões por meio dos quais se reparam escolas, creches, ou se limpam ruas ou praças. A participação, para nós, sem negar este tipo de colaboração, vai mais além. **Implica, por parte das classes populares, um “estar presente na história e não simplesmente estar nela representadas”**. Implica a participação política das classes populares através de suas representações no nível das opções, das decisões e não só do fazer o já programado. Por isso é que uma compreensão autoritária da participação a reduz, obviamente, a uma presença concedida das classes populares a certos momentos da administração. Para nós, também, é que os conselhos de escola têm uma real importância enquanto verdadeira instância de poder na criação de uma escola diferente. Participação popular para nós não é um slogan, mas a expressão e, ao mesmo tempo, o caminho da realização democrática (p.75 – grifo meu).

Não há, portanto, de acordo com Freire (1989), participação sem diálogo. Não há diálogo sem o direito de ter voz e de ser ouvido; caso contrário, ocorrerá o que Freire (1989) denomina de falsa participação. O autor vivenciou, entre tantas outras, esta prática quando foi Secretário da Educação na cidade de São Paulo, [1989](#) a [1991](#) e trabalhou em favor da autonomia popular, dando

voz à comunidade escolar, vigias, merendeiras, professores, diretores e pais, ou seja, independente do cargo ocupado a participação não era hierarquizada.

Paulo Freire foi um incansável defensor (teorizando e vivendo) da ação que libertasse as pessoas da opressão. Sua referência era/é a práxis - palavra em ação. Para Freire (1987) a palavra é o dialogo que vai além da relação eu-tu, é ela que pode dar o sentido de integração entre os homens, a palavra refletida é a ação. Na participação popular, coletiva, a palavra é dita por todos e ouvida por todos, em um processo de aprendizagem em que a importância de um é a importância de todos. A palavra comprometida com a verdade é um ato de coragem. Coragem em se comprometer com os que dela se banham. Se colocando na condição de poder ter a sua idéia refutada ou modificada, coragem em admitir não ser o dono da verdade. Coragem em saber que uma vez pronunciada, a palavra não mais pertence ao interlocutor e sim ao grupo do qual participa. No entanto, seríamos ingênuos se tomássemos o diálogo como ato harmonioso. Pelo contrário, se dá em meio a conflitos e confrontos. Em uma sociedade de classes há uma ilusão de diálogo. Foi o próprio Paulo Freire quem afirmou que “quanto mais o homem é rebelde e indócil tanto mais é criador” (1983, p. 32).

Como parte da discussão que venho fazendo a partir dos autores, vale lembrar que as ações sociais de participação popular propiciam novos espaços de política, para além daqueles já institucionalizados, como acontece nas ONGs.

Para tanto utilizarei uma situação ficcional para exemplificar: quando, no bairro, uma pessoa é assassinada ou policiais chegam para levar alguém preso, juntam-se pessoas formando um certo movimento. Este se trata apenas de um movimento não organizado, visando uma solução imediata e se desfaz assim que o conflito é superado ou outra força desfaz o movimento. Todavia, se esse movimento encontra energia para eleger um líder, mesmo que de forma espontânea, e também motivação para exigir mudanças na ação-reflexiva do coletivo, o movimento começa a se organizar. Dessa forma, podemos compreender que os processos educativos empenhados, tanto no movimento espontâneo como no organizado, pouco têm a ver com os processos educativos aprendidos em salas de aula, mas sim com processos

sociais de aprendizagem como novos espaços de política, segundo Brandão (1989).

Se a união de pessoas para solucionar um problema pontual não pode ser considerada participação popular - no sentido que tratado neste texto - também pertencer a uma ONG, ação social institucionalizada, não pode. Falo sobre esse aspecto no item “Do agrupamento de moradores à organização do bairro”.

A propósito das ONGs, lembro Frei Betto (2000) quando afirma que não é porque a entidade ou ONG atua com a população pobre que faz dela um movimento popular, ao contrário, algumas ONGs estão mais preocupadas em manter a pobreza e tirar a população da ação – as pessoas passam a ser os que recebem e não os que conquistam com suas lutas.

Uma representação artística que aborda essa questão é o filme “*Quanto vale ou é por quilo*”, que mostra de maneira até dramática, nada sutil, alguns tipos de ONGs que, com o discurso da *cidadania*, assumem as pessoas como consumidores e usuários, mostrando com clareza a ideologia capitalista de mercado.

Antes de apresentar o conceito de Educação Popular, vale lembrar o que diz Gramsci (1991), em suas cartas escritas no cárcere. O autor ensina que os que participam de movimentos sociais, que lutam pela libertação da opressão, que pertencendo à classe subalterna, querem romper com a subalternidade, precisam da formação de uma vontade coletiva. Essa vontade deve estar pautada na interpretação da realidade. Isabel Monal (2003), por ocasião do Seminário Internacional de Gramsci em 2001, realizado no Rio de Janeiro, comenta a obra de Gramsci, no que se refere aos grupos subalternos. São suas palavras: “A relação entre vontade coletiva, sujeito histórico e organização revolucionária é hoje da maior importância e atualidade” (p.198). É nos movimentos sociais e da sociedade civil, diz a autora, que Gramsci vê uma “formidável força de oposição” (p.199).

Assumo a Educação Popular como uma escola pedagógica contra-hegemônica, como explica Saviani (2007). Um espaço de “expressão das idéias populares e de exercício da cidadania da autonomia popular” (p. 412 – 413). Seja ela à margem da estrutura escolar, seja na própria educação escolar. Dá-se, de toda maneira, “no seio dos movimentos populares” (Idem,

413), contrapondo-se à educação *para* a elite, *pela* elite. Paulo Freire, a quem venho me referindo, traz as maiores contribuições à essa concepção de educação.

Segundo Batista (2002) a realidade dos movimentos sociais tem revelado uma ampla e diversificada teia de experiências de educação popular, empreendidas pelas ações coletivas dos movimentos na cidade e no campo. Batista (2002), também ressalta, a dimensão educativa da participação nos movimentos sociais que proporciona várias experiências sócio-educativas, essa compõe a dimensão pedagógica do movimento nos seus procedimentos e rituais. Dessa forma, desenvolvem uma didática que figura uma pedagogia comunitária, e nasce da ação dialógica entre as pessoas.

Para essa autora, a educação popular caracteriza-se como educação da rua, da polis, do sujeito, que constrói o homem e a mulher coletivamente, numa arena cotidiana de lutas em que se constrói e se conquista com múltiplas dimensões.

A Educação Popular, cultural, democrática e solidária norteia-se pela liberdade, para além da liberdade da ideologia liberal/ neoliberal⁹, ou seja, a dialética de Marx que consiste na negação da negação que neste caso acontece no diálogo de saberes populares, da cultura popular com os saberes/conhecimentos produzidos e sistematizados socialmente; que se orientam pelas necessidades dos setores populares visando incorporá-los à sociedade, como seres humanos, completa Batista (2002).

Freire (1989) acreditava no poder transformador e construtor da história das pessoas e conferia à educação um papel importante para redimir os oprimidos da situação de opressão, defendendo a educação como instrumento de libertação (entenda-se aqui libertação do oprimido).

Se a Educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos

⁹ Liberalismo e Neoliberalismo são conceitos econômico-políticos. Implicam em uma diminuição da intervenção do Estado e, conseqüentemente da responsabilidade dele. Há uma reificação do individualismo e o incentivo às liberdades individuais e interesses privados. (Verbetes “Liberalismo” de BOBBIO, N.;MATTEUCCI; PASQUINO, G. Dicionário de Política. Vol. 2, p. 704).

e o que fazemos (...) (últimas linhas escritas pelo educador Paulo Freire em 29/04/1997, dias antes de sua morte em 02/05/97 – Folha de São Paulo – 11/05/97 – Caderno Cotidiano p. 3)

Para o autor é no entrecruzamento do conhecimento da vida com o conhecimento sistematizado que a educação popular pode possibilitar uma mudança da realidade vivida.

O constituir-se humano implica espaços e dimensões múltiplas, que acontece em um aprendizado contínuo e coletivo e a participação em movimentos representam espaços privilegiados de vivência para o fazer de novas sociabilidades que proporcionam às pessoas se constituírem sujeitos éticos, sociais, culturais e políticos.

A educação popular, depois das contribuições Freire, é vivenciada nos movimentos sociais através das lutas que visam à conquista da educação escolar pública e norteia as propostas, as experiências e os processos desenvolvidos pelos movimentos; portanto não é possível pensar em movimento social sem considerar a educação popular e destacar suas dimensões, seu caráter político feito por aqueles que lutam por seus direitos e interesses coletivos, repito, na contramão da educação hegemônica – da elite.

Foi, pois, Paulo Freire, um dos pensadores pioneiros e maior inspirador dessa visão de educação, na década de 60, e a contribuição do pensamento e da prática educativa de Freire é para a educação popular um marco não só no Brasil, mas na América Latina e no mundo.

A educação popular surgiu fora dos muros escolares, como movimento de Cultura Popular, nos círculos de cultura, como uma ação cultural, um processo de educação na rua, na “periferia”, nos bairros, na praça, nos Centros de Cultura Popular, nas associações de moradores, na Igreja Católica, nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB) buscando romper com o silêncio da opressão¹⁰.

Houve a necessidade de outro conceito de participação popular, ou melhor, da ampliação do conceito vigente, que encontrou espaço de debates

¹⁰ Peço licença ao leitor para fazer um parêntese. Lembrar que Michael Löwy faz uma associação entre marxismo e teologia e aponta que a Teologia da Libertação contribuiu para mudar a história na América Latina. Paulo Freire pode ser considerado um educador da libertação que assumiu a teologia cristã – articulou marxismo e teologia.

nas salas de Alfabetização de Adultos, revelando uma relação muito estreita entre educação e transformação da sociedade. O que ocorreu no movimento de Cultura de Educação Popular em Natal – RN, conhecida como pé no chão, em 1964, motivado pelo desejo de derrubar o regime político repressor da época, que tinha como perspectiva para a Educação de Adultos o adestramento.

Nas décadas de 60/70 ser educador popular estava fortemente ligado ao fazer político, de tal forma que o educador era chamado de militante. Era comum que ele fosse alguém do povo, mesmo que não tivesse a formação nos cursos de magistério.

A concepção libertadora de educação proposta por Freire revela o papel da educação na construção de um novo projeto histórico. Fundamenta-se numa teoria do conhecimento - que parte da prática concreta na construção do saber - e o educando como sujeito do conhecimento essa concepção compreende a alfabetização não apenas como um processo lógico, intelectual, também como um processo profundamente afetivo e social. (FREIRE e NOGUEIRA, 2005)

Freire entendia a “educação popular como esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica” (Idem, 2005, p.19).

A educação popular esteve fortemente associada ao ensino não formal, no entanto nem todo ensino que se caracteriza como ensino não formal pode ser chamado de educação popular. A educação não-formal se caracteriza pelas atividades não serem sistematicamente intencionais, porém, necessitando de intervenções pedagógicas. Há sempre um educador envolvido nas práticas: trabalhos comunitários, atividades de animação cultural e lazer - um jeito de trabalhar com a educação. Para Libâneo (2005) a educação não formal é, ainda, um processo contínuo de aprendizagem que se caracteriza por possibilitar a transformação social, oferecendo condições aos sujeitos para que participem desse processo ativamente e tenham como meta a construção de mudanças históricas de seu país.

Mais recentemente identifica-se uma outra tendência no que diz respeito à Educação Popular. Esteban (2007) investe teoricamente na idéia de que as reflexões sobre escola pública no Brasil, passam, inevitavelmente, pela noção

de Educação Popular, no sentido de reconhecer a escolaridade como direito de todos. No entanto, afirma:

Ainda que as relações entre a escola pública, especialmente nos níveis fundamental e médio, e educação popular não sejam questão central na formulação das políticas públicas, a análise do cotidiano escolar evidencia que a atuação na escola pública, hoje, não pode desconsiderar as classes populares que a constituem (p.10).

Significa que a escola pública tem potencialidade para ser um espaço de desenvolvimento de processos de Participação Popular. Nesse caso, não se trata de Educação Popular só no sentido de educação não-formal, mas, também de encontros férteis, na escola pública,

na medida em que promovem condições para a constituição de projetos coletivos que incorporam produtivamente, na prática pedagógica, as experiências dos sujeitos das classes populares, mesmo aquelas negadas na dinâmica social (p.15-16).

Paulo Freire (1989) destacou a educação como ato político, que toma partido pelo oprimido, questionou e redefiniu a prática docente autoritária, defendendo a educação como instrumento libertador, em que os indivíduos se descobrem e produzem em comunhão, pois para ele a educação deve ser crítica e corajosa, propor ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre sua responsabilidade, sobre seu papel na sociedade em transição para que nesse movimento se manifeste o processo histórico em que o homem se reconhece em amplitude no mundo em que vive. A proposta da educação popular é pensar a Educação na ótica dos trabalhadores e oprimidos.

Novamente, aqui, devo trazer o texto de Löwy (2005) que, ao refletir sobre a forma como a história é contada, alerta para o fato de que, o revolucionário, o que deseja a transformação e a libertação, não pode contar a história do ponto de vista dos vencedores, mas, trazer a visão da história como “luta permanente entre os oprimidos e os opressores” (p.51).

É perceptível que todas as grandes conquistas, que elevam a dignidade da condição humana, partiram de movimentação popular. Por mais que as pessoas não se dêem conta, há um processo de participação natural da vida,

de convivência uns com os outros. Para Paulo Freire (2005, p.47), a política “é esse conjunto de normas “invisíveis” que estão presentes no relacionamento entre pessoas diferentes”.

A Educação Popular no Brasil é concebida na comunidade e para a comunidade. Quando ela é feita fora deste âmbito já não se trata de Educação Popular, afinal sentar-se em círculo e discutir proposta de trabalho coletivo, até as grandes corporações podem fazer. No entanto, sabe-se que estas não estão compromissadas com a emancipação, nem tampouco com a formação política dos sujeitos.

Entretanto, a Educação Popular acontece em todos os lugares em que as pessoas aprendem umas com as outras de modo organizado: aprendem a se organizar em associações ou outros grupos para fazer reivindicações a quem é de direito, quando acreditam ser necessário, aprendem a refletir sobre a própria vida e a vida coletiva.

Até aqui a intenção foi caminhar pelos conceitos de movimento social, participação popular e educação popular, sob pontos de vista de alguns autores. Cumpre agora chegar ao Bairro Bosques do Lenheiro, objeto desta pesquisa.

CONSTITUIÇÃO DO BAIRRO BOSQUES DO LENHEIRO

*E o que o ser humano mais aspira
é tornar-se ser humano*
Clarice Lispector

Para narrar a história da constituição do bairro recorro aos fatos contados por moradores, em conversas informais – não sem ter claros meus objetivos de investigação -, em passeios que realizei no bairro, em encontros com moradores nos ônibus, em reuniões de escola. Fui, dessa forma, compondo o que, no início, parecia uma colcha de retalhos que, no entanto, tomou a forma que passo a descrever em seguida. (anexo 1)

Em um terreno às margens do rio Corumbataí a seis quilômetros do centro da cidade de Piracicaba, havia vários e vastos bosques no qual apenas um lenheiro abastecia com lenha e carvão as padarias da cidade. Tempos depois todas as árvores foram derrubadas e o local passou a ser uma enorme

plantação de cana. Quando a prefeitura adquiriu a área, foi resgatada a história de um Lenheiro para vários bosques, assim nasceu, oficialmente em 1998, Núcleo Habitacional Bosques do Lenheiro – conhecido popularmente como Bosques do Lenheiro.

Localizado na região norte do Município de Piracicaba, possui 1412 terrenos, sendo 1370 moradias e 42 terrenos destinados ao comércio. Os lotes são de aproximadamente 150m sendo 31,32m de área construída; a maioria das residências é de alvenaria, do tipo bloco de concreto sem laje, sem forro e a parede do meio da casa é geminada com a casa vizinha, ou seja, uma fina parede de blocos sem reboco divide uma casa da outra até a altura em que deveria haver uma laje. Esse espaço da parte de cima da casa até o teto é um buraco, deixando as famílias sem a menor privacidade, tudo que se fala dentro de uma casa é ouvido na outra, os cheiros e as fumaças também são compartilhados. Como afirma Santos (2007), as habitações populares são “tão pequenas que conduzem a toda espécie de confinamento e promiscuidades” (p.62).

O Bosques do Lenheiro é um loteamento destinado às famílias de baixa renda (um a três salários mínimos). Caracteriza-se como uma ação em parceria com a Caixa Econômica Federal e Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social/ Empresa Municipal de Desenvolvimento Habitacional de Piracicaba (SEMDES/EMDHAP), de acordo com termo assinado em 1997.

As informações sobre o território geográfico foram obtidas através da leitura do mapa do bairro (anexo 2) e nele é possível verificar a ausência de espaços reservados para escola de educação infantil, posto de saúde ou a área para o Centro Comunitário que, hoje, localizam-se bem ao final do espaço geográfico do bairro. Milton Santos (2007), afirma que:

Olhando-se o mapa de um país, é fácil constatar extensas áreas vazias de hospitais, postos de saúde, escolas secundárias e primárias, informação geral e especializada, enfim, áreas desprovidas de serviços essenciais à vida social e à vida individual. O mesmo, aliás, se verifica quando observamos as plantas das cidades em cujas periferias, apesar de uma certa densidade demográfica, tais serviços estão, igualmente ausentes. É como se as pessoas nem estivessem lá (p. 59).

As casas foram chamadas de “embriões”, pois foram entregues apenas quarto, sala/cozinha e banheiro (anexo 3), construídos com espaço para ampliação. O terreno é considerado grande em relação aos terrenos à venda em outros loteamentos populares, na cidade de Piracicaba. Segundo Marília¹¹, assistente social entrevistada que atuava na época junto aos moradores de áreas de risco, as casas do Bosques não foram construídas por livre iniciativa da administração municipal.

“A prefeitura, em 1993 foi acionada pela promotoria para que se retirassem as famílias moradoras das áreas de mananciais.” (Marília)¹²

Assim, os moradores, as famílias de áreas verdes e de risco foram cadastradas e algumas até convencidas pelo serviço social municipal a trocar de moradia. Para a construção das casas, uma construtora foi contratada pela prefeitura com prazo determinado para entrega dos 1370 embriões.

“Não é um bairro que nasceu espontaneamente”. (Marília)

Até meados de 2005, ao andar pelo bairro, notava-se ausência de material escrito: não havia letreiros ou anúncios pelos muros, nem placas indicativas. Durante aproximadamente cinco anos as ruas do Bosques eram identificadas por números. Era um espaço cinza e vermelho: cinza dos blocos das casas e vermelho das ruas sem pavimentação; o que restou do verde do Bosques do Lenheiro de antigamente foram somente o nome e as lembranças.

Os moradores do Bosques foram ocupando o bairro que encontrava-se sem os bens de serviços, entre conquistas e conflitos, criando novas formas de vida, de convívio e organização.

Milton Santos (2002, p.127-128) explica que nas frações da cidade os habitantes mais pobres, subordinados às leis de mercado, ficam cada vez mais pobres, os bens e serviços, mais raros. Argumenta que, no entanto, a fragmentação pode levar à criação de novas formas de vida coletiva local, representativa das condições de vida reinantes em cada fragmento. Para o

¹¹ Os nomes das pessoas entrevistadas são fictícios.

¹² A transcrição da fala dos entrevistados manteve-se fiel ao modo como foi dito.

geógrafo, não são as ações regionais que irão resolver a fragmentação. São necessárias ações nacionais integradas dos fatores econômicos, políticos e sociais.

A chegada dos moradores: as conquistas e os conflitos

Muitas informações foram conseguidas por meio da pesquisa em registros e documentos tais como o mapa encontrado na Prefeitura Municipal e o dossiê produzido pelo Núcleo Estudos de Pesquisa em Educação Popular (NEPEP) da UNIMEP, além de documentos que fazem parte do acervo deste mesmo Núcleo, referente ao Bosques.

Quanto aos depoimentos, foram obtidos nos contatos com Marília e Cecília, assistentes sociais que atuam no bairro; Gina, professora e Fabiana coordenadora da escola municipal; Bernardo, presidente da Associação dos Moradores do Bairro e sua esposa Cléo. Em 1999, época do início do bairro, o casal Bernardo e Cléo foi líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)¹³.

A questão a ser levantada aqui é quem foi para o Bosques?

Como afirmei anteriormente, o Bosques foi projetado para a população proveniente de áreas consideradas de risco, das áreas verdes, do movimento dos sem-tetos e famílias cadastradas na EMDHAP, de forma que pudessem ser removidas.

As primeiras famílias a chegarem ao Bosques, por remoção, foram as que estavam assentadas em barracões na Usina Modelo que faziam parte do MTST – Movimento Trabalhadores dos Sem Teto - que outrora haviam ocupado as casas do Núcleo Habitacional Mario Dedine, vizinho ao Bosques.

Essas primeiras famílias conquistaram o direito por essas moradias através de mobilização, ocupação¹⁴ e resistência. Durante os anos de 1996 e 1997, as famílias ocuparam o Núcleo Habitacional Mario Dedine que, segundo suas lideranças, estava abandonado há um ano à espera do sorteio da

¹³ A ocupação de casas por parte dos trabalhadores sem teto - trabalho de organização popular - é a principal forma de ação do movimento.

¹⁴ O termo “ocupação” é utilizado pela sociologia e geografia para designar o processo de apropriação do espaço geográfico pelo homem. É possível dizer que todo espaço territorial que está sendo utilizado em desacordo com a lei, está vazio, e, portanto, pode ser ocupado, desde que tal ocupação seja com a intenção de dar àquele espaço uma utilidade social. <http://www.mst.org.br/node/3009>. Acesso em 11/08/2009.

prefeitura para famílias inscritas na EMDHAP. O grupo de famílias do MTST realizou caminhadas, fechamento de ruas e reuniões com funcionários da prefeitura.

Segundo Sr. Rudnei J. Bassete¹⁵, no início de 1998 não havia possibilidades de ceder casas para as 143 famílias sem-teto que ocuparam o núcleo habitacional Mário Dedine. Bassete faz menção à Construção do Núcleo Habitacional Bosques do Lenheiro que estaria em lançamento no mesmo ano. Argumentou ainda que não poderia resolver a questão de moradia daquelas pessoas, pois, tratava-se de um *déficit* provocado pela grande migração de varias regiões do Brasil. *“Se zerarmos o déficit habitacional hoje, amanhã aparece centenas de pessoas desabrigadas”*.

O Jornal *A Tribuna* de Piracicaba publicou, em setembro de 1998, que das 143 famílias que haviam ocupado as casas da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), no Mário Dedine, 70 seriam contempladas com casas no Bosques do Lenheiro. As outras famílias continuariam residindo em alojamento da Usina Modelo.

As famílias do MTST foram alocadas na Rua 25 e logo depois as demais ruas foram sendo ocupadas por outras famílias removidas de áreas de riscos e favelas.

Em 1999 ocorreu a primeira remoção das famílias de áreas de risco, instalações de partes da infra-estrutura e construção de mais casas. No ano seguinte as outras famílias cadastradas na EMDHAP.

“A Rua 25 é a rua inicial, depois veio o pessoal da área de risco, né? Favelas, aí foi indo, foi ocupando a Rua 12 a Rua 25 e foi indo, foi indo, até ocupar o bairro inteiro” (Sr. Bernardo).

Essas remoções foram acontecendo sucessivamente até ocorrer a ocupação “irregular” de praticamente as últimas 370 casas.

Perdeu-se o controle - provavelmente pela demora da entrega das chaves - e as casas que foram ocupadas estavam sem infra-estrutura, com apenas meio metro de paredes erguidas. De acordo com o Sr. Bernardo, essa

¹⁵ Diretor Presidente da Empresa Municipal de Desenvolvimento Habitacional de Piracicaba (EMDHAP). Jornal Gazeta Regional 24/12 a 02/01 de 1998

ação gerou a sensação de que o bairro todo foi constituído por “invasores” e “arruaceiros” (anexo 4) e não por famílias que possuíam direito a um teto e estavam sem.

“... uma invasão né? O pessoal de outros bairros invadiram, porque o pessoal deixou muito tempo as casas vazias entendeu? Teve gente que invadiu casa aí sem telhado, hoje todas as casas tem telhado, pessoal fazendo seu muro” (Sr. Bernardo).

O termo “invasão”¹⁶ utilizado pelo Sr. Bernardo pode ser entendido como referência ao seguinte fato: as casas já tinham dono, uma vez que famílias já haviam sido sorteadas para adquirirem as chaves e as que tomaram posse nem sequer estavam cadastradas na EMDHAP.¹⁷

“A culpa da invasão é da própria construtora, onde já se viu construir mais de 1300 casas e deixar vazias? Com gente esperando pra morar, sem teto, desabrigada. Já fazem pra invadir mesmo... pra sair ganhando... ganham muito dinheiro com a invasão, ganham das seguradoras...” (Sr. Bernardo).

Com o objetivo de compreender a fala do Sr. Bernardo, consultei um advogado¹⁸ que tem experiência nessa área do Direito Habitacional:

*“É algo que acontece sim, [o ganho extra das construtoras com as invasões], **mas você não vai encontrar isso escrito em lugar nenhum, mas vamos pensar: se há um contrato em que a Prefeitura paga pelos gastos extras se em um processo de invasão esta construtora tiver uma carriola roubada a prefeitura paga, a seguradora paga e paga três vezes mais o valor, porque está previsto em contrato gastos extras e perdas**”* (negrito meu).¹⁹

¹⁶ O termo “invasão” é utilizado pelo Código Penal para identificar o crime de esbulho possessório. <http://www.mst.org.br/node/3009>. Acesso em 11 de Agosto de 2009.

¹⁷ Até 2009, a Prefeitura Municipal de Piracicaba, quando se refere às políticas “habitação popular” constrói casas, cadastra famílias de “baixa renda” e promove sorteio das chaves. As casas não são doadas e os sorteados deverão pagar mensalidades e só recebem a escritura após o término do pagamento. No Bosques houve ocupações por parte de outras famílias, não cadastradas que lá estão até hoje. Eles não são proprietários.

¹⁸ Trata-se de um advogado que assessora o MST e me concedeu uma entrevista em Junho de 2009.

¹⁹ Realmente não consegui encontrar em nenhum modelo de contrato qualquer cláusula que conste ou dê indícios da confirmação desta informação. Verificamos, porém, que houve uma inexplicável demora em

Neste caso é pertinente o argumento de Lessa (2007) quando explica sobre o pensamento de Lukács:

[...] as objetivações singulares dos indivíduos concretos produzem necessariamente novas situações históricas. Estas novas situações históricas incorporam sempre, em algum grau, novidade na esfera subjetiva (novos conhecimentos, habilidades etc.) e na esfera objetiva (desenvolvimento das forças produtivas, novas necessidades etc.). Frente a estas novidades, aos indivíduos não resta alternativa senão responder ativamente não apenas na escolha de qual das necessidades é a mais urgente para ser atendida, mas também qual das novas possibilidades é a mais favorável para atender à necessidade selecionada (p.101-102).

Trata-se não só da 'invasão' de casas para morar. São sujeitos re-objetivando o espaço e para isso criando novas possibilidades para si e seu grupo social, construindo novas situações históricas.

Quanto à participação popular relacionada à chegada dos moradores nos anos de 1999 a 2000, nos depoimentos registra-se escolha de necessidades ainda restritas ao que é individual: o muro da casa, o término da construção, o ganho da cesta básica das entidades que atuam no local e emprego. Ao mesmo tempo, a preocupação com o coletivo está presente: estruturar Associação de Moradores; organizar festas para as crianças do bairro; estudar estratégias para uma participação maior dos moradores nas reuniões e deliberações; questionar problemas jurídicos que estão vivendo; evidenciar a necessidade de escola, creche, asfalto, profissionais para o posto de saúde.

Do agrupamento de moradores à organização do bairro

Em 2000 os moradores estavam lá, mas ainda sem a documentação de propriedade e sem o que precisavam para viver dignamente: sem redes de esgoto, rede elétrica e telefônica, escola, creche, posto de saúde, mercados, farmácia, que, aos poucos foram construídas, tanto por iniciativa do governo municipal como pelas reivindicações e/ou iniciativas dos moradores.

autorizar a entrada nas casas por aqueles que já tinham o termo de ocupação.

Quanto ao que havia no bairro à época da chegada das famílias e quanto à mobilização da comunidade, foi possível constatar, durante a conversa com Sr. Bernardo, presidente da Associação de Moradores entre 2007 e 2009:

“Não tinha escola, não tinha centro comunitário, não tinha nada, não tinha creche... Não tinha posto de saúde. Na verdade aqui teve a própria necessidade, né? Porque aqui tinha muita gente, aqui se você andar por aqui... Então, se você andar pelo bairro vai ver que criança e cachorro é o que mais tem. Assim, na parte da tarde se tiver muito calor, depois de cinco seis, não tem condições, você não anda na rua de carro, tem que andar bem devagar e desviando das crianças, é muita criança, então a própria necessidade fez com que trouxessem posto de saúde, escola, creche...” (Sr. Bernardo)

A nossa conversa continua e o Sr. Bernardo faz referência à escritura da casa e Cléo conta da falta de um local para se comprar alimentos.

“A primeira vez que saí para comprar mantimentos, já havia caminhado 20 minutos e estava muito cansada, então comecei a chorar e pensar: Deus, se pra ir, já estou cansada imagine a hora que voltar com minhas compras?” (Cléo).

Cléo continua contando que com a venda de um vídeo-game do filho, ela comprou mantimentos a mais do que costumava fazer e no quintal da casa colocou umas prateleiras para revendê-los aos vizinhos. Surge o primeiro mercado do bairro.

Creio que quando se pensa em uma casa para morar, procura-se um lugar, pensa-se em um tipo de construção, imagina-se o número de cômodos que poderá melhor acomodar a família. Entretanto as pessoas que participam de programas de habitação popular não têm, ainda, como fazer valer esse direito. As casas são construídas em locais nem sempre desejadas pelos possíveis proprietários, geralmente nas periferias das cidades, com estrutura e número de cômodos que não acomoda toda a família.

Quanto ao Posto de Saúde, atendeu durante alguns anos em um dos embriões (casa), pois na época da ocupação das 370 casas parte do bairro encontravam-se sem saneamento básico. As pessoas faziam suas necessidades fisiológicas em sacos plásticos e jogavam nas ruas, ocasionando um grande surto de hepatite nos moradores. “*O bairro todo era um mau cheiro horrível*” – conta Cecília. Anos mais tarde foi construído um prédio próprio no mesmo terreno onde era o antigo posto de saúde.

Formou-se na cidade mais um ‘bairro de pobres’, tal como tantos outros bairros de periferias, assim como o Conjunto Habitacional Gilda, bem próximo ao Bosques, inaugurado **no final** de 2009, porém naquele período (1999) o bairro Bosques do Lenheiro era o bairro pobre da vez e chamava a atenção das Universidades, de Associações Assistenciais, bem como de Organizações Não Governamentais (ONGs) e entidades que atuavam com os direitos humanos.

Os alunos das universidades realizavam estágios, projetos de extensão e atendimento à população, principalmente nas áreas da saúde, entre elas: Nutrição, Odontologia, Psicologia, Fonoaudiologia, Enfermagem. Quanto às Associações Assistenciais, doam cestas básicas às famílias. As ONGs que atendiam o bairro, caracterizavam-se por outro tipo de voluntariado, que merece atenção nesse espaço do texto por estarem atuando no bairro desde seu início e serem várias. Segundo Ramos (2004):

O fato de as ONGs não se apresentarem como “representativas” (como os sindicatos, as associações e os partidos) associa-se a outras marcas [históricas] importantes dos anos 70 e 80, como a valorização do pequeno e do local, por um lado, e da autonomia, por outro. Isso explica a tendência à multiplicação de grupos atuando na mesma área e a recusa sistemática à unificação, à centralização ou à criação de instâncias que ameacem a independência das pequenas entidades (RAMOS, 2004, p.1065).

Foi, portanto, foco de ações dessas organizações que, sem práticas sócio-políticas integradas junto à população, muitas vezes acabaram por “disputar” famílias para a própria sobrevivência das entidades.

Na relação com emprego formal ou até mesmo informal alguns moradores disseram (bem como ouvi de moradores de outros bairros) que quem mora no Bosques, quando busca empregos na cidade e revela seu

endereço é, freqüentemente, desqualificado. Poucos estão formalmente empregados, o que incentiva a busca pelas ONGs com a esperança de qualificação para o trabalho.

Se havia movimentação das ONGs em direção ao Bosques, havia também movimentação dos moradores em direção às ONGs, formando, inclusive organizações nos mesmos moldes:

“Na época que conheci o Bosques, lá havia não só ações de ONGs, mas também dos moradores, eram moradores que se organizavam para fazer sopão, arrecadar brinquedos para as festas das crianças e de natal, associação de amigas do bairro...” (Rafael – ex educador do NEPEP²⁰). (anexo 5)

De alguma forma as ONGs provocaram rivalidades na comunidade, em disputa por mais uma cesta básica ou por estar em mais um “projeto” assistencial. Nesse sentido, Scisleski; Maraschin e Tiltoni (2006) alertam para essa posição perigosa em relação às proposições das ONGs, uma vez que os movimentos populares têm força política e educativa.

O trabalho com comunidades que apresentam condição de pobreza material, nas quais alguns sujeitos encontram dificuldades para a manutenção da própria subsistência, pode sugerir que, diante da urgência e da carência material, qualquer forma de ajuda possa ser legítima. Essa é uma proposição perigosa já que sustenta a idéia de uma correspondência necessária entre a experiência da pobreza e a pobreza da experiência; como se na adversidade que a situação de pobreza acarreta não houvesse a possibilidade de os sujeitos desenvolverem outras habilidades (p. 06).

Essas habilidades que foram possíveis identificar nos momentos de participação e movimentação popular são: o da ocupação propriamente dita, o da resistência para a permanência e o da luta pela melhoria das condições desta moradia, uma vez que muitas casas encontravam-se inacabadas e o bairro carente de estrutura como saneamento básico e escola.

Há um processo educativo na mobilização social de uma comunidade, quando esses sujeitos se reúnem para um enfrentamento; há um planejamento

²⁰ Rafael atuou no bairro como educador popular pelo NEPEP, nos anos de 2003 a 2006

de estratégias pensadas, estratégias que aparecem, em particular, nessa fala do Sr. Bernardo:

[...] Mas são coisas assim, este bairro está irregular e se hoje a prefeitura falar que vai cobrar as casas assim, eu sou o primeiro a levantar a bandeira pra brigar e que ninguém pague nada e sim só a terra e se eles encherem muito o saco eu vou falar a verdade pra você, vou pegar um pessoalzinho aí, juntar e entrar com ação no ministério público pra entrar com processo de usucapião, porque faz nove anos já e não tem documentação nenhuma, ta entendendo? É...Acho até meio injusto receber as coisas de graça, mas é... Isso se eles quiserem cobrar as casas, porque to sabendo que vão cobrar só a terra e parece que é oito mil cada terreno. (Sr. Bernardo).

A participação em movimentos populares promove o crescimento da consciência crítica da população, fortalece seu poder de reivindicação e a prepara para adquirir mais poder na sociedade. Não ter registro da casa é uma questão individual que afeta o coletivo. No Bosques do Lenheiro, por ser um Conjunto Habitacional Popular, não há possibilidade de moradores isolados terem o registro de posse da casa, ou seja, esse direito só será assegurado no coletivo. Por meio da participação, os moradores conseguem resolver problemas que, sozinhos, não teriam condições nem força política. Visualizam a solução (juntar um pessoalzinho) e utilizam-se de mecanismos legais, como ir ao ministério público. Percebem seus direitos e formas de superar problemas por meio da participação coletiva (BORDENAVE, 1983).

Escola no bairro: participação garantida?

No ano de 1999, no Núcleo Habitacional Bosques do Lenheiro havia espaço para construção de escola municipal e estadual, porém não foi pensando em deixar espaço para posto de saúde e escola de educação infantil²¹. O Sr. Bernardo nos contou, em entrevista, que não houve uma movimentação da comunidade Bosque dos Lenheiros para que a prefeitura instalasse estes serviços. Entretanto Marília, a Assistente Social, disse que

²¹ Informação que pode ser verificada no mapa do bairro.

foram as reivindicações das mães que deram início à movimentação popular para a conquista desses benefícios, contrariando o que nos disse o Sr. Bernardo. Repito aqui um trecho já apontado antes:

“Então, se você andar pelo bairro vai ver que criança e cachorro é o que mais tem. Assim, na parte da tarde se tiver muito calor, depois de cinco seis, não tem condições, você não anda na rua de carro, tem que andar bem devagar e desviando das crianças, é muita criança, então a própria necessidade fez com que trouxessem posto de saúde, escola, creche...” (Sr. Bernardo)

Houve necessidade da reivindicação das mães que precisavam trabalhar e não tendo onde deixar seus filhos. Essas mães foram repetidas vezes solicitar junto à assistente social que, utilizando-se de trâmites legais, providenciou reuniões com o prefeito, secretários e mães moradoras do bairro.

A escola de educação infantil foi então uma conquista de movimentação popular. Já a construção das escolas de ensino fundamental teve um outro contexto: havia o espaço físico e a construção aconteceu por obrigação legal – um direito garantido pela Constituição. A Constituição de 1934 atribuiu ao estado papel relevante no controle e na promoção da educação pública. A Constituição de 1988 no artigo 209, incisos I e II, declara que o ensino é livre à iniciativa privada, com duas condições básicas: cumprimento das normas gerais de educação nacional e autorização e avaliação da qualidade do ensino particular pelo Poder Público, enquadradas nas seguintes categorias pela LDB: Particulares em sentido estrito, Comunitárias, Confessionais e Filantrópicas.

Somente em 28 de dezembro de 2000 foi inaugurada a Escola Municipal José Pousa de Toledo e em 24 de junho de 2002, a Escola Estadual Dom Aniger Francisco de Maria Mellilo, que atende crianças e adolescentes cursando Ensino Fundamental e Médio; em 20 de abril de 2007, deu-se a inauguração da Escola Municipal de Educação Infantil Bosques do Lenheiro que atende 267 crianças de zero a cinco anos de idade. Dessa forma fica evidente que durante alguns anos as crianças do bairro Bosques do Lenheiro não tiveram direito a estudar dentro de sua própria comunidade.

Gina, professora do Ensino Fundamental da Escola Municipal deu seu depoimento:

“Em 2004 eu fui pra atribuição [de aulas] e escolhi o Bosques...era uma das primeiras atribuições; daí eu pedi o Bosques e todo mundo achou muito esquisito porque o Bosques é um dos últimos a ser escolhido. (Gina)

Essa professora escolheu dar aulas no Bosques. Sempre quis ser professora para os alunos de lá que estão marcados pelo estigma e pelo preconceito. Soube pelos moradores do bairro que eles sempre se sentem identificados pela população da cidade de Piracicaba – SP, como violentos, pobres, vagabundos, desordeiros, por isso o estranhamento dos outros professores em relação à escolha de Gina. Ao fazer essa opção pela escola do Bosques, essa professora dá indícios de seu desejo de estar ao lado da população empobrecida e estigmatizada.

Quando questionei sobre a participação da comunidade na escola, Gina diz:

“No começo a escola era a única construção, assim, que a comunidade podia usar pra capoeira, pra igreja, não tinha centro comunitário... então no começo o envolvimento da comunidade com a escola era esse, usar a escola pra outras manifestações... várias igrejas usavam... eu sei que a semana inteira a escola tinha atividade à noite de várias coisas porque não tinha outro espaço; a escola estadual não abria e a creche não existia.”

A escola ser “usada” como espaço para outras atividades não significa, ainda, que ela tenha sido apropriada como espaço pleno de participação. Gohn (2004b) analisa que,

(...) quando se fala em abertura das escolas para a comunidade, os pais são os atores por excelência a serem lembrados; em raros casos lembra-se de outras instituições, organizações ou associações, do próprio bairro ou da comunidade, que fazem articulações com a escola, como os sindicatos e as associações de docentes, e outros mais. (p.105)

A autora refere-se à descentralização administrativa em relação à educação.

“No início de 2001, não existia nem o que por lei era o Conselho de Escola que os pais fazem parte, não existia nesse começo... Agora tem. Desde 2007 o Conselho funciona não com aquela freqüência. Os pais participantes no início eram os que trabalhavam na escola, assim conseguiam fazer a reunião, mas não conseguiam resolver muita coisa, porque os pais não seriam contra a Diretora que era a chefe deles, né?” (Gina)

O Conselho de escola, no início foi organizado com o pessoal da faxina da escola, que são moradores e pais. Este conselho não tinha força política popular, pois eram funcionários que o compunham e, de certa forma, um tanto dependentes. De outra forma, se organizassem o conselho com outros pais, parece que seria inútil, segundo depoimentos ainda da professora: ninguém aparecia e justificavam-se dizendo que na época a comunidade não era organizada - era um tempo em que se organizavam “chapas” e quem ganhava “morria” - não participava, não ia às reuniões -; ou seja, a existência de Conselhos, com uma legislação própria para eles, não garantia e não garante participação, da forma como a estamos entendendo nessa dissertação.

Em 2010, a direção da escola recorreu aos pais-funcionarios para que a reunião do conselho pudesse acontecer, pois segundo Fabiana, a coordenadora da escola, os pais não fazem questão de participar, “não compreendem a importância do conselho” completa ela.

Fabiana esclarece que como conselheiros de escola, os pais têm como função aconselhar os gastos, compras, festas e até mesmo dar sugestões de como superar questões como indisciplina e faltas: dos alunos e dos professores.

De acordo com a LDB 9394/96 art. 12 inciso VI e art. 14, as famílias podem se envolver ativamente nas decisões tomadas pelas escolas dos seus filhos e ocupar uma vaga no conselho escolar seria uma maneira de acompanhar e auxiliar o trabalho administrativo da escola.

Os conselhos escolares são constituídos por pais, representantes de alunos, professores, funcionários, membros da comunidade e diretores de escola. Cada escola deve estabelecer regras transparentes e democráticas de eleição dos membros do conselho.

Cabe ao conselho **zelar pela manutenção da escola e monitorar as ações dos dirigentes escolares a fim de assegurar a qualidade do ensino.** Eles têm funções deliberativas, consultivas e mobilizadoras, fundamentais para a gestão democrática das escolas públicas. (negrito meu)

Entre as atividades dos conselheiros estão, por exemplo, **fiscalizar a aplicação dos recursos destinados à escola e discutir o projeto pedagógico com a direção e os professores.** (negrito meu)

O direito dos pais em participar das reuniões e da vida escolar requer o direito de acesso ao conhecimento sobre o funcionamento da escola, dos documentos e do Projeto Político Pedagógico. Na escola do Bosques, como em muitas das escolas de nosso país, os pais não sentiam/sentem motivação para participar? Seria isso? Parece haver um imobilismo, não originado pela falta de desejo de uma vida social mais justa, mas resultado permanente de um sistema neoliberal que incentiva o bem estar individual e promove, dessa forma, competitividade e isolamento. Gohn (2004b) em um questionamento semelhante responde que os pais representam o elo mais fraco do poder, eles participam, muitas vezes, somente para dar número ao quórum, não contribuindo, com esse comportamento, para atingir os objetivos de que se denomina de gestão democrática. Vale lembrar o alerta de Chauí a quem já me referi anteriormente: a democracia, no Brasil, “ainda está por ser inventada” (1997, p.435).

Veja o que o diz a professora Gina:

“É difícil. Tem mães que são bem atuantes uma que tem destaque que é a Agnes, que é tipo assim, DVD da escola quebrou? Busca na casa da Agnes ela sabe tudo que esta acontecendo... quando trocou a merenda, agora que vem de caminhão a Agnes foi uma das primeiras pessoas que foi experimentar a merenda... Então, tem algumas mães que são bem envolvidas... Tinham mães voluntárias que iam ao recreio e ajudar as professora nos passeios, mas

eu sentia que era porque a escola não dava conta e precisava de pessoas, não porque queria que as mães participassem... Era só porque não dava conta, assim... Quando começaram os primeiros problemas com as voluntárias a gente não pensou duas vezes em não ter mais, não teve uma conversa e a que teve em vez de falar a verdade “Oh, não estamos gostando da postura de vocês”, pra uma falava que era culpa da outra, pra outra falava que era culpa da outra e é por isso que as mães deixaram de ir... Sabe?” (Gina)

Por outro lado, o que tenho dito até agora, neste item, não deixa de ser um exemplo do que Paulo Freire (1989) chama de “consciência ingênua”. A construção da autonomia e, portanto, da libertação, é atravessada pela consciência. Nesse aspecto, ele destaca a diferença entre consciência ingênua e consciência crítica. Enquanto na consciência ingênua há acomodação, ajuste ao espaço já garantido e assim negação de si mesmo, na consciência crítica a dialética homem-mundo supõe assumir um papel que evidencie a consciência de si. Não se trata de uma aproximação espontânea, circunstancial que o homem mantenha com a realidade. Ao contrário, supõe ação e reflexão; criação e re-criação – nunca sozinhos. A transformação é um projeto e mobiliza a luta.

Nessa perspectiva, a condição fundamental para que cada um possa assumir o ato comprometido de estar no mundo e nele agir e sobre ele refletir é:

Que [cada sujeito] seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele. Saber que, se a forma pela qual está no mundo condiciona a sua consciência deste estar, é capaz, sem dúvida, de ter consciência desta consciência condicionada. Quer dizer, é capaz de intencionar sua consciência para a própria forma de estar sendo, que condiciona sua consciência de estar (FREIRE 1989, p.16).

Nos depoimentos da professora, consigo compreender que é possível identificar que, de seu ponto de vista, há limites políticos tanto na participação das famílias quanto dos próprios professores da unidade escolar – lugar de onde ela fala.

Pergunto: *“Dentro da sala de aula, trabalha-se alguma coisa relacionada à comunidade?”* Ao que ela me responde: *“Vai depender da professora, por*

exemplo, quando sai assuntos da comunidade no jornal... então na minha sala a primeira conversa da roda é falar sobre o acontecido, deixar cada um falar o que sabe”.

Desde a formação do bairro, os jornais da cidade informam (e, na posição teórica que assumimos não há informação neutra) pelo menos dois grandes blocos de notícias sobre o Bosques: a) sobre as obras e melhoramentos atribuídos à gestão pública ou b) sobre a violência que ocorre na comunidade. (anexo 6)

Vale retomar Milton Santos quando ensina que o território é o chão e a população que habita este chão. Aí os homens constroem o sentimento de pertencimento. A escola não é só um prédio, são as pessoas que lá estão – e os alunos não só a imagem da violência.

A participação popular não pode permanecer fora dos projetos da escola porque, ela mesma, é uma prática social cuja participação popular deveria ser ponto de partida e de chegada, mediada pela teorização que cabe, essencialmente, à escola.

Saviani (2003) contribui para a reflexão sobre a educação que responde/atende aos interesses populares.

(...) como a população pode ter acesso às formas do saber sistematizado de modo que expressem de forma elaborada os seus interesses, os interesses populares? Chegaríamos assim a uma cultura popular elaborada, sistematizada. Isso aponta a direção dessa dicotomia, porque se o povo tem acesso ao saber erudito, o saber erudito não é mais sinal distintivo de elites, quer dizer, ele torna-se popular (p.79).

Para ele, a cultura que o povo domina, aquela que ele conhece – a cultura popular, assistemática e espontânea – é ponto de partida da educação. Não é ponto de chegada: “o povo precisa da escola para ter acesso ao saber erudito, ao saber sistematizado e, em conseqüência, para expressar de forma elaborada os conteúdos da cultura popular que correspondem aos seus interesses” (p.80). Portanto não basta fixar endereço: é preciso organizar-se a cada nova exigência das condições concretas de vida social.

O objetivo do próximo capítulo é focar um dos espaços públicos de participação popular: a Associação de Moradores.

ESPAÇO PÚBLICO DE PARTICIPAÇÃO POPULAR

*Se o mundo é mesmo parecido com o que vejo,
prefiro acreditar no mundo do meu jeito...*

Renato Russo

A Associação dos Moradores pode ser considerada um espaço cujo objetivo é afetar diretamente a vida social, como se expressa Gramsci, ao referir-se à importância da participação popular nas decisões locais e nacionais, por uma nova ordem social não capitalista (TAVARES, 2005). Vida social essa, hoje, identificada como democrática. Faz-se necessária, portanto, uma referência sobre o modelo de democracia no qual vivemos. Para isso, trago as contribuições de Chauí (1997; 2001) que afirma que uma sociedade é democrática quando vai além do direito de votar, da organização dos partidos políticos ou da divisão da república em três poderes. Uma sociedade é democrática “quando institui direitos” (1997, p. 431). Vivemos em uma democracia representativa, com direito indireto de escolhas de representantes, no entanto,

as lutas populares por participação política ampliaram os direitos civis: direito de opor-se à tirania, à censura, à tortura, direito de fiscalizar o Estado por meio de organizações da sociedade (associações, sindicatos, partidos políticos); direito à informação pela publicidade das decisões estatais (CHAUÍ, 1997, p.433).

Diferente de outros regimes políticos, a democracia considera que os conflitos sociais são legítimos e necessários; que os grupos sociais devem se organizar criando um contra-poder social para que o Estado não exacerbe de suas funções. Também, diz a filósofa, a democracia é histórica, aberta ao tempo e aos diferentes espaços. Porém, existem obstáculos à democracia. Partindo dessa concepção, o capitalismo e o neoliberalismo são os mais graves. Quando uma classe social explora a outra, não poderemos dizer que somos livres e temos direitos iguais. Se as lutas populares ajudam a ampliar os direitos, elas são ainda frágeis na atualidade. Nossa sociedade “divide as pessoas, em qualquer circunstância, em inferiores que devem obedecer, e

superiores, que devem mandar” (CHAÚÍ, 1997, p.435). Ela conclui que a democracia, no Brasil, “ainda está por ser inventada” (Idem).

Na obra *Cultura e Democracia*, Chauí (2001) não é otimista em relação a Cultura Popular porque admite que ainda não se desvendou a diferenciação entre cultura popular e ideologia dominante. Um de seus argumentos nos interessa particularmente neste trabalho. A autora contesta as afirmações de que as pessoas simples são alienadas, chamando de “mania dos intelectuais” (p.67) pensarem que essas pessoas não fazem uso dos mecanismos assistencialistas como forma de seu sustendo por aparentemente não ter outra forma, entretanto, ela acredita que “apesar da calma aparente, há um inconformismo profundo, que às vezes é difícil de perceber sob a capa do fatalismo” (p.70).

Concordando com Chauí, vale trazer, neste momento, um exemplo do que a autora diz e que, sob o olhar da concepção que assumo, constato na população do Bosques.

Aproximadamente, o bairro tem sete mil moradores. Na primeira eleição da Associação de Moradores houve um pouco mais de 700 votos – o que significa presença e participação na eleição. Parece pouco, mas são 700 pessoas, vindas de diferentes regiões da cidade, portanto, que não viviam relações de amizade, envolvidas em um processo democrático. E mais, ouvi de moradores e está registrado em documento do NEPEP: foi uma eleição sem divulgação da mídia, mas uma chamada “boca-a-boca”, de “porta em porta” (anexo 7).

Portanto as pessoas simples, moradoras de bairros periféricos desejam tomar parte nas decisões que diz respeito as suas condições de vida e organizações das suas comunidades.

Associação de Moradores²²

²² O senado federal declara que “Os principais objetivos de uma associação de moradores são: cobrar do poder público, em especial da prefeitura, a melhoria do bairro que representa, exigindo o retorno dos impostos pagos pelos cidadãos em forma de serviços de qualidade; levar ao agente público as prioridades da comunidade; e estimular a participação do cidadão, indicando colaboradores com os conselhos e órgãos do poder público que prevêm a participação da sociedade.”

<http://www.senado.gov.br/comunica/agencia/cidadania/Associacaodemoradores/not002.htm> - consulta realizada em Setembro de 2009.

É uma entidade organizada pelos moradores e tem como objetivo a união e organização de uma comunidade. O que estou chamando de comunidade pode ser uma rua, uma quadra ou um bairro inteiro. Tem como papel principal reivindicar junto aos órgãos competentes e ao Poder Público, os direitos cívicos.

A Associação de Moradores do Bosques do Lenheiro nasceu oficialmente em 2004 (anexo 8), mas seus primeiros passos foram dados logo em seguida **ao curso de** Formação de Lideranças do Bosques do Lenheiro, promovido pelo NEPEP/UNIMEP, realizado em 2003. (anexo 9). Por sua vez, a idéia de formação de lideranças é anterior. O educador Rafael, que trabalhou no NEPEP, conta que após participarem do Fórum de Cidadania, realizado em dezembro de 2003, do qual participaram a Escola Superior de Agricultura Luis de Queiroz, Universidade Metodista de Piracicaba e Faculdade de Serviço Social Maria Imaculada. Essas instituições concluíram que, embora houvesse várias entidades prestando serviços ou incentivando a organização do bairro, não havia nenhuma proposta, efetiva, de formação de lideranças no Bosques.

“Os moradores do Bosques do Lenheiros buscavam criar uma associação de moradores do bairro desde 1999. Foram muitas as discussões, desânimo e pessimismo nos últimos quatro anos que se sucederam”²³ porém, em ações isoladas e emergenciais, como por exemplo, havia um grupo chamado de Amigas do Bosques, formado por algumas mulheres moradoras que tinham como objetivo arrecadação de brinquedos para a festa de Natal. Outro grupo fazia sopa e entregava em algumas ruas.

No entendimento dos educadores do NEPEP, esta comunidade teria que participar ativamente para a criação da Associação de Moradores; tem que trabalhar junto, dialogar, elaborar e priorizar o que de fato é importante para ela. Sendo assim, para o curso de formação de lideranças, os educadores almejavam seguir o alerta feito por Freire e Nogueira (2005):

[...] seria equívoco concluirmos que a luta popular prescinde de um conhecimento mais organizado. Outro equívoco seria a necessidade desse conhecimento mais organizado e, em seguida permitirmos substituir a luta pelos pacotes de “saber-agir” organizados. Nesse segundo equívoco, estaríamos propondo pacotes e conteúdos prévios à luta e resistência

²³ Prof. Dr. Francisco Negrini, apresentação do documento “memória fotográfica” elaborado pelo NEPEP na ocasião da posse da primeira Diretoria da Associação dos Moradores do Bosques do Lenheiro.

popular. Ou seja, em termos de conhecer o que seja a luta e a transformação estaríamos pondo a carroça na frente dos bois (p. 25).

O professor coordenador do NEPEP, que há mais de 20 anos atua em comunidades da cidade, trabalhando com assessoria, pautado nos princípios da Educação Popular, acompanhou o surgimento do bairro Bosques do Lenheiro nas remoções das primeiras famílias. Foi um dos principais coordenadores do curso de formação de lideranças que proporcionaria um momento de reflexão dos moradores, principalmente para que pudessem se conhecer e saber das ações de cada grupo e, dessa forma, pensar em unir forças em torno dos desejos comuns. (anexo 10)

Após conversas informais com os moradores, os educadores do NEPEP sistematizaram alguns temas relevantes para aquele momento de formação tais como: construção da identidade dos moradores e lideranças; como funciona uma associação; o que é ONG, o que é poder local e poder popular, entre outros. O papel dos educadores era o de ajudar a elencar as prioridades da comunidade a partir da própria comunidade; o educador popular externo assume a organização do debate sem deixar o discurso acadêmico soar alto e dominante sobre a fala popular. (anexo 11)

O curso de Formação para Lideranças ocorreu durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2003, às quintas-feiras, no período noturno, nas dependências da escola Municipal José Pousa de Toledo.

Ao participarem de um curso com ênfase em educação popular os moradores do bairro vivenciam um processo de construção que Paulo Freire denominava de Pedagogia da Autonomia, ou seja, não basta treino técnico para adaptar as pessoas à sobrevivência; “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas” (FREIRE, 2004, p.22).

Nesse período, várias atividades foram realizadas. Essas atividades eram propostas em conjunto de acordo com as necessidades que as lideranças indicavam durante as discussões em grupos e diálogos informais dos moradores da comunidade com os educadores do NEPEP. Uma delas denominada de “Linha do Tempo” possibilitou discutir a identidade do Bairro com fotos, artigos de Jornais e recordações orais dos casos ocorridos na época

da remoção, ocupação e invasão. A partir das discussões que essa atividade suscitou, surgiu, para os líderes, uma questão relevante que pode assim ser resumida: Se éramos líderes nas comunidades onde morávamos, e de alguma forma estávamos tentando trabalhar, ainda que individualmente, por que não nos unimos aqui no Bosques? Esse é um exemplo de pergunta instigadora que poderia deixar mais evidente o papel social de seu “estar no mundo”, como Paulo Freire destaca em sua obra.

Gramsci (1989) ensina que “o que cada indivíduo pode modificar é muito pouco, com relação às suas forças”, mas continua afirmando que isso é verdadeiro somente até certo ponto,

(...) já que o indivíduo pode associar-se com todos os que querem a mesma modificação; e se essa modificação é racional, o indivíduo pode multiplicar-se por um elevado número de vezes, obtendo uma modificação bem mais radical do que à primeira vista parecia possível (p.40).

Além da expressão da necessidade da força coletiva, foi possível também identificar os que poderiam ser os aliados “estratégicos” e “táticos”, para superar as diferenças e unificar as lideranças.

A classificação em aliados “estratégicos” e “táticos” surgiu nas rodas de conversas nos grupos do curso de formação. Tem sua gênese em uma dinâmica proposta pelo coordenador do NEPEP e pode assim ser resumida: trata-se de um recurso para que as pessoas possam identificar as ações das ONGs e grupos que entram no Bosques com intenção de, alguma forma, ajudar os moradores. Assim, os aliados estratégicos, de acordo com os Cadernos Populares²⁴ (2003) produzido pelas lideranças durante o encontro, são aqueles com quem os moradores, nas horas difíceis, podiam contar. Dos aliados táticos faziam parte os que participavam eventualmente dos programas coletivos.

Para estabelecer quem eram esses aliados o grupo discutiu e chegou à conclusão que a “tática” é um jeito de ver as coisas e as pessoas no mundo, é a habilidade que as pessoas têm para se relacionar e perceber quem é amigo e quem é inimigo; é também uma maneira de fazer amigos mais próximos e amigos eventuais, já a “estratégia”: É uma maneira de ver como é o mundo e

²⁴ Cadernos Populares aqui citado é fruto da sistematização do trabalho coletivo dos participantes do encontro de formação do Bosques do Lenheiro.

as manhas que o povo tem para enfrentá-lo. É preciso ter arte, ser criativo, e ter muita habilidade para saber conquistar os espaços necessários para avançar e fortalecer a luta do povo. (UNIMEP, 2003).

As relações sociais supõem uns aos outros e são historicamente constituídas. O movimento organizado para mudança, não existe por acaso, só acontece quando se percebe a necessidade da mudança e a força do coletivo.

Em Paulo Freire (1997) encontramos argumentos que ele articula com os de Marx: “a realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso” (p.37). A luta pela emancipação é tarefa histórica dos oprimidos e dos que se solidarizam com eles.

Se o primeiro ato histórico, de acordo com Marx e Engels (1996) é a produção dos meios que permitem a satisfação das necessidades de sobrevivência – e pode-se ver aí a necessidade de moradia como uma dessas necessidades imediatas – há um segundo momento que conduz a novas necessidades e a novas formas de produzir meios de satisfazê-las.

Ao finalizar o curso de Formação de Lideranças alguns problemas foram eleitos como prioridades para a organização de novas ações: Geração de Renda; Melhoria na habitação e urbanização do bairro; Educação (alfabetização e ensino médio); Cultura e cidadania²⁵.

Faz parte dos fundamentos da Educação Popular a dinâmica na qual as pessoas encaminham as discussões a partir do que alguns denominam de problemas não resolvidos. No curso de formação, um objetivo estava claro: promover a união dos moradores e organizar as ações das lideranças. A ação e reflexão, em um processo dialético, caminham em direção a novas ações, resultados de reflexão crítica sobre a prática, como sempre quis Paulo Freire: *eu me formo ao me formar*. Pode-se compreender esse movimento como reconhecimento da própria presença humana. “Presença que, se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que contesta, compara, avalia, valora, que

²⁵ Ao questionar o educador Rafael, como e porque Cultura e Cidadania eram prioridades ou ainda de que forma chegaram a esta conclusão, este explicou que o grupo entendia Cultura como manifestações culturais, festas e Cidadania relacionado à garantia de direitos.

decide, que rompe” (FREIRE, 2005, p.18). Desta forma, não falamos em novos problemas, mas em novos desafios.

Esses desafios não direcionam somente à aquilo que se denomina sucesso. Os novos desafios também podem fazer com que um grupo se desarticule e cause uma aparente ruptura no processo. Entretanto essa ruptura e desarticulação não fazem o grupo voltar ao que era antes – a desarticulação e a dispersão de forças impulsionam outros movimentos, outras forças.

Foi com a proposta de administrar os novos desafios, que as lideranças participantes do encontro de formação conseguem articular a primeira eleição da Associação dos Moradores do Bosques do Lenheiro, que ocorreu em 17 de fevereiro de 2004. Pode-se dizer que esta foi uma das conseqüências do curso de Formação. Com 712 eleitores, o professor Coordenador do NEPEP relata que foi a eleição com maior participação de comunidade realizada em Piracicaba de que ele tem notícias.

Documentos do NEPEP mostram que a mais relevante atividade da primeira diretoria da Associação dos Moradores do Bosques do Lenheiro foi a promoção do I Fórum Local de Habitação (anexo 12), realizado nos dias 19 e 26 de junho de 2004, nas dependências do Serviço Social da Indústria (SESI) de Piracicaba. O Fórum contou com a representatividade de dois delegados para cada rua do bairro. Além dos delegados, vários outros moradores participaram do Fórum e também foram convidados representantes das Universidades de Piracicaba, do Poder Legislativo e Executivo, da União das Associações de Moradores de Piracicaba e União dos Movimentos de Moradia, bem como representantes da Central de Movimentos Populares de São Paulo.

O objetivo maior desse encontro foi dialogar para encontrar soluções dos problemas elencados como prioridade no curso de Formação de Lideranças. O resultado desse fórum, foi a elaboração de uma carta aberta (anexo 13) que destacava os pontos que necessitavam de negociação e melhoramentos para o bairro, como instalação de rede elétrica, sanitária, creche, escolas e lazer.

Mesmo com a expressiva participação no I Fórum de Habitação, nas entrevistas realizadas para esta pesquisa, não foi possível desvendar os resultados e desdobramentos da Carta Aberta entregue à Prefeitura de Piracicaba em 2004.

Entre os anos de 2005 a 2007, as pessoas, antes organizadas, foram se desarticulando, perdendo contato entre si, aumentando as ausências em reuniões. Até que no final de 2007, surgem dificuldades para a composição da nova diretoria da Associação dos Moradores e sobre essa desarticulação o Sr. Bernardo expressa:

“Na hora de montar a chapa conseguimos o número de pessoas necessário, mas na hora do trabalho fica só o presidente e mais dois ou três...”

O Sr. Bernardo segue nos falando o que, para ele, são os motivos que levam as pessoas a abandonar a associação são: mudanças de emprego ou de horários de trabalho e as dificuldades em conseguir elaborar e concretizar os projetos para a comunidade.

Penso que os motivos apontados podem simplificar ou reduzir os reais problemas relativos à participação nas reuniões. Os documentos que constam nas atas de reuniões²⁶ evidenciam a preocupação do próprio grupo em relação à participação, há dificuldade quando a reunião é fora do bairro²⁷, pois na maioria das vezes as pessoas não têm condições de arcar com as despesas de transporte ou ainda não têm com quem deixar os filhos.

O grupo que forma a Associação de Moradores do Bairro procura em suas reflexões, desvendar os motivos para a não participação nas reuniões e eventos promovidos nas comunidades, no entanto tais reflexões se perdem em meio às questões cotidianas de cada um, ou seja, no final da reunião cada qual volta aos seus afazeres diários e só voltam a se preocupar com a reduzida participação na próxima reunião²⁸.

O mandato do Sr. Bernardo terminou no início do mês de dezembro de 2009, quando ocorreu nova eleição. Desta vez com 541 votos, segundo depoimento do Sr. João, novo presidente da Associação de Moradores do Bosques do Lenheiros. Ele ressalta que a chapa do antigo presidente não conseguiu trabalhar em conjunto com a comunidade. As pessoas que

²⁶ Transcrição da gravação em fita cassete do II Encontro Municipal de Movimentos de Moradia de Piracicaba em 05/06/2004, freqüentado por várias das Lideranças do Bosques do Lenheiro que participaram do Curso de formação.

²⁷ As várias Associações de Bairros de Piracicaba têm por hábito reunir-se para debater assuntos considerados por eles como comuns com o intuito de unir forças junto ao poder municipal

²⁸ A participação a que se refere aqui é a presença.

compunham a chapa, por diversos motivos, foram cada um ao seu tempo abandonando o compromisso e o Sr. Bernardo ficou sozinho. O novo presidente espera que isso não aconteça com ele e afirma: *“nossa chapa é forte, tem vontade de fazer as coisas”*.

O Sr. João mora no Bosques há 11 anos, participou de vários cursos, mas não se recorda do curso de formação de Lideranças promovido pelo NEPEP, contudo tem o apoio de um dos antigos presidentes que frequentou o curso e sempre oferece sugestões de como trabalhar com a comunidade, mas garante que o maior empecilho da Associação no bairro é *“a falta de vontade dos políticos da cidade”*.

Observa-se aqui uma dependência do poder público e de associações que buscam “parcerias” com o poder público. Gohn (2004a) esclarece que as associações de moradores, têm hoje – de forma diferente das associações das décadas passadas. Diz ela que tais movimentos sociais são fluídos, formados a partir de espaços não consolidados das estruturas e organizações sociais. Rudá (2009), no texto já citado, denuncia: “e onde estariam os movimentos sociais, que antes exigiam inclusão social e fim da marginalização política? Estão todos nesses conselhos e novas estruturas de gestão pública”. De acordo com o raciocínio do autor posso concluir que os movimentos estão na dependência da vontade dos políticos²⁹.

Os dois presidentes da Associação dos Moradores do Bosques do Lenheiros argumentaram que não são políticos, evidenciando que ainda não

²⁹ Rudá, no texto citado, escreve: “Venho destacando a emergência de uma nova rede de gestão de políticas sociais institucionalizadas que são os conselhos de gestão pública (totalizando 30 mil em todo país). Segundo o IBGE, 75% dos municípios brasileiros adotam alguma modalidade de participação da sociedade civil na determinação de prioridades orçamentárias na área social. Quem se dedica à implantação de sistemas de controle social sobre políticas públicas, formação de lideranças sociais para compreensão do orçamento público e monitoramento de resultados das políticas sociais ou descentralização administrativa voltada para a participação da sociedade civil na gestão pública sabe que a demanda para estes serviços vem aumentando exponencialmente em todo país. Motivados ou premiados pelas exigências constitucionais, pelos convênios com órgãos federais (dados importantes fornecidos pelo IBGE revelam que governadores e ministérios lideram a criação de conselhos de gestão pública paritários, muito acima das ações de prefeitos brasileiros) e do Ministério Público, os prefeitos de todo país institucionalizam (e, muitas vezes, as traduzem ou interpretam a partir de seu ideário peculiar) vários mecanismos de gestão participativa na deliberação de suas políticas locais. Se localidades rurais, conselhos de desenvolvimento rural sustentável ou de meio ambiente ou de bacias hidrográficas pululam. Se localidades urbanas, conselhos de saúde, assistência social e direitos da criança e adolescente proliferam. E onde estariam os movimentos sociais, que antes exigiam inclusão social e fim da marginalização política? Estão todos nesses conselhos e novas estruturas de gestão pública”.

percebem “que a escolha e a crítica de uma concepção do mundo, são, também elas, fatos políticos.” (Gramsci, 1989. p.15); seja qual for a forma de estar no mundo se trata de um ato político.

Segundo depoimento do Sr. João, a Associação tem vários projetos, que visam a melhoria de vida dos moradores do Bosques do Lenheiro, um deles em relação ao lixo, coleta seletiva e campanha de conscientização para manter as ruas e quintais limpos.

Essas ações, embora úteis à convivência social e à preservação do ambiente, parecem carecer do que Paulo Freire (1987) ensina em relação à práxis: “(...) é reflexão, é ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo; sem ela, fica impossível a superação da condição opressor-oprimido” (p.21). Também Gohn (2004b) a isso se refere quando escreve sobre tipos de aprendizagens reflexivas, geradores de saberes.

O Sr. João acredita que os moradores do Bosques gostam de participar das tomadas de decisão relacionadas ao bairro e à vida comunitária, todavia, alerta que a participação deve ser consciente, pois nem sempre o fato de se ter um número grande de pessoas participando relaciona-se com a qualidade da participação. Ele parece otimista quando me diz: “*O bairro esta começando a ficar bonito*”. Afinal, a decisão de deixar o bairro mais limpo foi tomada nas reuniões da Associação.

A ação educativa da participação ocorre no processo: “Afinal minha presença no mundo não é a de quem se adapta, mas a de quem nele se insere. É uma posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da história” (FREIRE, 2005, p. 54 - grifo do autor).

CONSIDERAÇÕES

Pretendi com esta pesquisa abordar a história da formação do Bairro Bosques do Lenheiro, na cidade de Piracicaba/SP e, na formação do bairro, a participação popular e a educação popular. Minha militância como educadora popular atuando neste bairro; os autores que são meus interlocutores; a aproximação que tive por meio de entrevistas e a leitura de documentos definiram o caminho da investigação.

Os objetivos principais foram em outras palavras, compreender de que forma, na história do bairro, é possível identificar a participação popular que contribuiu para a constituição da vida comunitária. Também como se deu e se dá a participação dos moradores do bairro na Associação de Moradores depois de passarem a morar no Bosques do Lenheiro, e em que medida é possível falar em educação popular, no fenômeno social estudado.

Se, na história da constituição do bairro - lembrando que ainda é um espaço recente – o Núcleo de Estudos e Programas de Educação Popular (NEPEP) **teve uma importante participação na formação de líderes comunitários, seus esforços não foram suficientes para alcançar o que, para Paulo Freire é fundamental: a autonomia dos educandos** que, pelo saber coletivamente construído, possa conquistar a libertação. Em um cenário bastante contraditório, a participação comunitária do Bosques disputa espaço com o poder público e as entidades não governamentais.

Reafirmo o que falei na introdução desse texto: educação é relação, envolvimento, é reconhecimento do lugar em que vivem os educandos, das múltiplas configurações que interferem no modo como as pessoas estabelecem relações com os outros e com o mundo. Portanto, compreender a história do bairro, dando voz aos sujeitos que ali vivem e que relatam sua experiência, pode colaborar para a compreensão do modo como a educação pode contribuir na vida das pessoas.

Marx, Gramsci, Santos e Paulo Freire – aportes teóricos da pesquisa - estão de acordo de que não é a consciência que modifica o mundo, mas as condições concretas de vida social é que formam a consciência em um

movimento dialético – de negação e afirmação. As raízes da consciência humana são sociais e não naturais.

Tomar a realidade humana como ponto de partida, refletir sobre ela e propor ações transformadoras, não se faz sem organização popular e, acredito, sem uma educação popular da forma como a entende Freire.

Ficou constatado que o que acontece no Bosques são ações ainda dispersas, motivadas mais pelo desejo de resolver problemas imediatos, e não ações intencionalmente dirigidas para mudanças mais profundas nas relações e estruturas sociais. A passagem da consciência ingênua para a consciência de ser oprimido e, portanto, para ações de efetivo compromisso com a classe trabalhadora, ainda está por acontecer.

A “educação como prática da liberdade”, como entende Paulo Freire, exige rupturas com o modelo capitalista de sociedade. Rupturas que só poderão ser planejadas e efetivadas no trabalho coletivo gerado pela participação da população que se educa. Para a educação popular conquistar seus objetivos há de se romper com a domesticação.

Tampouco posso dizer que esta comunidade não participa, pois ocupar-se da própria sobrevivência pode ser considerada uma forma de participação popular, afinal, não nos ocupamos da vida, sozinhos. Pois como ensina Marx (1996) somos as relações sociais concretas, encarnadas em nós.

A Associação de Moradores não desapareceu: continua. As pessoas não são as mesmas, mas o que impulsiona a participação está diretamente ligado às necessidades concretas de vida.

Resgatar a história de um bairro, do ponto de vista que eu assumi neste texto, é falar da participação de seus moradores que ocorre nos conflitos, nos agrupamentos, nas escolhas de estratégias, principalmente quando o assunto é a proteção, reivindicação de seus interesses como: moradia, saneamento básico e atendimento à saúde.

O homem, ao mesmo tempo em que forma, está se formando, por isso ao constatar os movimentos de idas e vindas – não lineares, mas dialéticas - da comunidade em torno de sua organização social, podemos inferir que há um processo de educação, porém não se pode afirmar que esse processo satisfaça as condições para ser Educação Popular no sentido em que destaca Paulo Freire em toda sua obra.

A forma com que o Bosques do Lenheiro foi constituído - com grupos de moradores de outros bairros, favelas, áreas de risco e famílias do MTST, parece ter sido a que destaca Santos(2007), ou seja: o território é um campo de batalha, mas é também um terreno de possibilidades de solidariedade.

O ônibus que chega ao bairro Bosques do Lenheiro atravessa uma região que possibilita uma vista panorâmica e o que vejo já não é mais um conjunto habitacional com casinhas iguais, nem um bairro com histórico de invasão, ocupação, remoção. É a vista de um bairro arborizado, com lojas, supermercados, borracharia e já não há tanta gente nas ruas como nos relata no início dessa pesquisa um dos presidentes da Associação dos Moradores. Lembro-me do atual presidente que me disse: *o bairro está ficando bonito*.

Estas considerações são preliminares - porque a história está em construção em meio às contradições – e foram aos poucos se revelando para a pesquisadora-militante que o estudo sobre educação e participação popular não se limita à história de um bairro, como ensina Shaff (1991):

O conhecimento é pois um processo infinito, mas um processo acumulando as verdades parciais que a humanidade estabelece nas diversas faces do seu desenvolvimento histórico: alargando, limitando, superando estas verdades parciais, o conhecimento baseia-se sempre nelas e toma-as como ponto de partida para um novo conhecimento (p.97).

REFERÊNCIAS

Associação dos moradores. Disponível em:

<http://www.senado.gov.br/comunica/agencia/cidadania/Associacaodemoradores> - Acesso em 03/09/2009.

BATISTA, Maria do S. X. In: ANPED, Grupo de Trabalho Educação Popular/ n.06. Educação Popular em Movimentos Sociais: Construção Coletiva de Concepções e Práticas Educativas Emancipatórias. UFPB, 2002.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Contêm as emendas constitucionais posteriores. Brasília, DF: Senado, 1988

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. Dicionário de Política. 4.ed. Vol. 2, Brasília: Editora da UnB, 1992.

BORDENAVE, Juan E. D. O que é participação. São Paulo: Brasiliense s.a., 1985

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo, Ática, 1997

_____. Cultura e Democracia. São Paulo: Cortez, 2001.

COUTINHO, C.N. e TEIXEIRA, A.P. (orgs.). Ler Gramsci, entender a realidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Contemplados. O Jornal A Tribuna de Piracicaba publicou, em setembro de 1998.

CONSELHOS DE ESCOLA. Disponível em conselhoescolar@mec.gov.br – Acesso em 03/05/2010.

Emdhap não cederá lotes aos sem tetos. Jornal Gazeta Regional 24/12 a 02/01 de 1998.

ESTEBAN, M.T. Educação popular: desafio à democratização da escola pública. Cadernos CEDES, v.27, n.71, jan./abr. 2007, p. 9-17.

Frases e poemas. Disponível em <http://www.pensador.info/> acesso em 08/03/2010

FREI BETTO. Desafios da Educação Popular. São Paulo: CEPIS, 2000.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. A Educação na Cidade. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. Que fazer: Teoria e Prática em educação popular. Petrópolis: Vozes, 2005

GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

[GOHN, Maria. G. Movimentos sociais: espaços de educação não-formal da sociedade civil. Disponível em http://www.universia.com.br/materia/materia.., 2004a, Acesso em 23 de Fevereiro de 2010.](http://www.universia.com.br/materia/materia..)

_____, A educação não formal e a relação escola comunidade. EcoS, São Paulo , v.6, n2, p 39-65, 2004b

GUTIERREZ, Gustavo. Teologia da Libertação. São Paulo: Loyola, 2000

LIBANÊO, José Carlos. Pedagogia e Pedagogos. Para Quê? São Paulo: Ed Cortez, 2005

LESSA, Sergio A. Lukács: Ética e política. Chapecó: Argos, 2007.

LÖWY, Michel. Walter Benjamin: aviso de incêndio. São Paulo :Boitempo, 2005

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã* (Feuerbach). São Paulo: Hucitec, 1996.

MONAL, Isabel. Gramsci, a sociedade civil e os grupos subalternos. In: COUTINHO, Carlos N. e TEIXEIRA, Andréa P. (orgs.). Ler Gramsci, entender a realidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 189-200.

[Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. Disponível em http://www.mst.org.br/node/3009. Acesso em 11/08/2009.](http://www.mst.org.br/node/3009)

OLIVEIRA, Paulo de S. Caminhos da Construção da Pesquisa em Ciências Humanas. In: OLIVEIRA, P.S. (org.). São Paulo: Hucitec, 2001, p.17-26.

PATTO, Maria H. S. Vida Cotidiana e Preconceito: notas a partir da antropologia marxista de Agnes Heller. In: PATTO, M.H.S. et all. Perspectivas

Teóricas Acerca do Preconceito. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 9-25.

Quanto vale ou é por quilo? Disponível em <http://www.adorocinema.com/filmes>. Acesso em 13/06/2009

RAMOS, S. O papel das ONGs na construção de políticas de saúde: a Aids, a saúde da mulher e a saúde mental. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.9, n.4. Rio de Janeiro out/dez.2004, p.1067-1078.

RUDÁ, Ricci. O fim da era dos movimentos sociais. Disponível em <http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/ruda-ricci-o-fim-da-era-dos-movimentos-sociais>. Atualizado e Publicado em 20 de outubro de 2009. Acesso em 23/02/2010.

SANTOS, Milton. O espaço cidadão. São Paulo: Edusp, 2007.

_____, Milton. *O país Distorcido*. São Paulo: Publifolha, 2002.

SHAFF, A. História e Verdade. São Paulo, Martins Fontes, 1991

SCHERER-WARREN, Ilse. Movimentos Sociais - um ensaio de interpretação sociológica. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984.

SCISLESKI, Andrea C.C.; MARASCHIN, Cleci; TITTONI, Jaqueline. A psicologia social e o trabalho em comunidades: limites e possibilidades, 2006. Disponível em <http://www.psicorip.org/Autores/FalStep1/AutS/AutSaa/AS204aa.htm>

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia Histórico-Crítica. Campinas: Autores Associados, 2003.

_____. História das Idéias Pedagógicas no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2007.

TAVARES, A. J. O Pensamento e a prática escolar de Gramsci. Campinas: Autores Associados, 2005

TEIXEIRA, Ana C. C (Org) et. al. Orçamento Participativo Democratização da gestão pública e controle social. Brasília: Fase [s. d.].

TRIVIÑOS, Augusto N.S. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA (UNIMEP). Núcleo de Estudos em Educação Popular Memória fotográfica. Piracicaba: UNIMEP, 2004.

_____, Núcleo de Estudos em Educação Popular. Educação Popular: Sociedade Civil e o poder Legislativo. Programa de Melhoria do

Relacionamento entre a Câmara de Vereadores e a Comunidade. Piracicaba: UNIMEP, 2005.

_____, Núcleo de Estudos em Educação Popular. Dossiê sobre o bairro Bosques do Lenheiro. Piracicaba: UNIMEP, 2005.

Anexos

1. Linha do tempo – 17 anos de Bosques do Lenheiros.
2. Mapa do Bairro.
3. Desenho da planta da casa.
4. Jornal *on line* em que o Presidente da EMDHAP fala da invasão ocorrida em "todo" o bairro.
5. Comprovante da existência da Associação de amigas do bairro formada por moradoras do Bosques.
6. Notícias de jornal sobre o Bosques.
7. Convite para a eleição da Associação dos Moradores.
8. Documento sobre a Associação dos Moradores.
9. Relatório da reunião de encontro com as lideranças do Bosques e Nepep.
10. Convite para participação do curso de Formação de Lideranças.
11. NEPEP inicia curso de Formação de Lideranças.
12. Documento sobre o I Fórum de Habitação.
13. “Carta aberta” elaborada no I Fórum de Habitação.

Anexo 1.

Linha do tempo – 17 anos de Bosques do Lenheiro

Bosques do Lenheiro – 17 anos de história

1993 - Prefeitura é acionada pela promotoria para proteção das áreas mananciais – retirada dos moradores.

1996 A - No início do ano ocorre ocupação do Núcleo Habitacional Mario Dedine por famílias pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Sem Teto –MTST.

1996 B – Famílias MTST são retiradas do Núcleo Habitacional e levadas a moradias improvisadas na Usina Modelo.

1997 – Compra do terreno e assinatura do contrato para início das obras de 1370 casas do Núcleo Habitacional Bosques do Lenheiro.

1999 A – Início da remoção das famílias da Usina Modelo para o Núcleo Habitacional Bosques do Lenheiro.

1999 B – Remoção das famílias moradores de áreas mananciais e favelas;

1999 C – Invasão das 370 casas, que esperavam pela remoção dos moradores.

2000 – Final do ano, inauguração da Escola Municipal Jose Pousa de Toledo.

2003 – Fórum da Cidadania com a participação das universidades de Piracicaba e intervenção no bairro – surge a idéia de um Encontro de Formação de Lideranças no Bosques do Lenheiro.

2004 – Primeira Eleição da Associação dos Moradores.

2004 B – I Fórum de Habitação promovido pela Associação dos Moradores do Bosques do Lenheiro;

2005 – 2007 – Associação dos Moradores se desarticula, ocorre eleição com pouca participação da população e não registrados em ata.

2007 B a 2008 – Presidente da Associação é abandonado pelos seus companheiros de chapa

2009 – Nova eleição com 541 votos, Associação volta a fazer parte da vida dos Moradores do Bosques do Lenheiro.

Anexo 2.

Mapa do Bairro

Legenda – Mapa

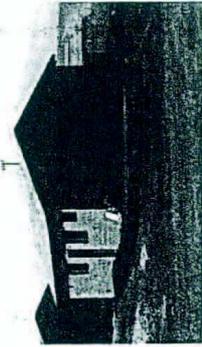
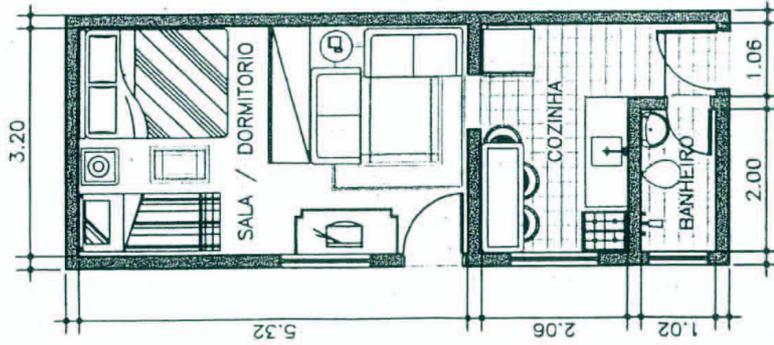
1. Espaço reservado para escola – atual Escola Estadual – inaugurada em 2000
2. Espaço reservado para escola – atual Escola Municipal – inaugura em 2002
3. Espaço que não fazia parte do bairro e foi comprado pela prefeitura – atual Escola de Educação Municipal inaugurada em 2007
4. Área reservada para lazer – atual lixão e mato
5. Idem
6. Idem
7. Área reservada para Centro Comunitário – inaugurado em meios de 2006 e reinaugurado oficialmente em maio de 2010
8. Espaço reservado para área comercial – atual quadra de futebol de areia – lixão e mato
9. Parque com brinquedos infantis – lixo e mato
10. Casa utilizada como posto de saúde – atual Posto de saúde prédio próprio– inaugurado em 2005

Anexo 3.

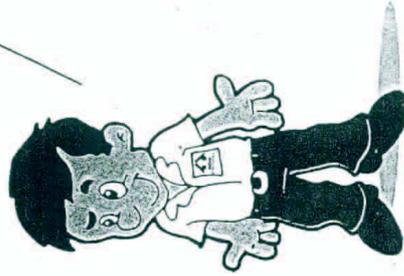
Desenho da planta da casa

Unidade-Residência-embrião:

pode ser definido como um pedacinho de uma construção, executada para atender as necessidades básicas de uma família, levando-se em consideração uma área mínima de construção facilitada para ampliação (possuem duas paredes divisórias).
As residências-embrião são encostadas e não geminadas.

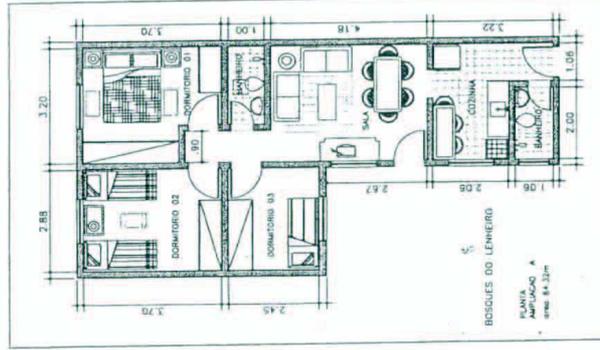


O embrião possui uma área de construção de 31,32m², com projeto já aprovado.
A ilustração ao lado permite melhor visualização de seu tamanho.
O embrião será entregue sem acabamento (reboco, piso, azulejo, pintura).



ATENÇÃO

Toda e qualquer ampliação somente poderá ser efetuada após visto de conclusão ou habite-se, que é uma certidão emitida pela Prefeitura.
Para se proceder a ampliação o interessado precisa ter autorização e obter autorização na EMDHAP
Ilustrações de possíveis ampliações.



Como foi construído e qual material utilizado.

O alicerce foi executado de forma convencional, não é permitido outro pavimento, ou seja, não suporta construção de sobrado.
A alvenaria foi executada em bloco de concreto, com espessura de parede de 14cm.
As esquadrias são de material metálico.

Anexo 4.

Jornal *on line* em que o Presidente da EMDHAP fala da invasão ocorrida, dando a impressão que foi em "todo" o bairro



Imprimir
Sem Foto

Emdhap prioriza regularização

quinta-feira, 23 de julho de 2009

Fonte:

Uma das prioridades da Emdhap (Empresa Municipal de Desenvolvimento Habitacional) é a regularização fundiária da favela do Cantagalo e do Bosques do Lenheiro, ambas regiões que foram invadidas pelos moradores. De acordo com o presidente da autarquia, Valter Godoy, o objetivo é passar para o morador o título da propriedade do terreno. "O processo é complicado porque tem lugares que a gente leva um ano, outros menos tempo, mas já estamos fazendo isso desde 2005."

Com o processo da Cantagalo mais adiantado, a Emdhap já providenciou os trâmites legais para a regularização fundiária do loteamento Bosques do Lenheiro. Segundo Godoy, o local passa por uma melhoria habitacional devido ao convênio firmado entre Ministério das Cidades e a Caixa Econômica Federal. "A invasão do bairro foi registrada há uns 15 anos e as casas estavam intactas desde aquela época. São 1.370 lotes, mas no momento apenas 146 imóveis passam pela reforma da casa."

Antes de iniciar o processo em áreas de risco, onde as favelas estão situadas, o presidente da Emdhap destacou que funcionários fazem um levantamento para cadastrar todos os moradores. "Para a prefeitura, conseguir fixar a pessoa no local que em que ela está significa menos um problema para a administração. Isso porque além dessa pessoa ficar em uma situação legalizada e conseguir condição melhor de vida, ela terá escola e posto de saúde próximos e já implantados."

ENTREGA – As casas do Jardim Gilda, Vila Emdhap (localizadas em frente a rotatória da avenida Cristóvão Colombo) e do Santa Fé, um total de 1.198 unidades, serão entregues até o final de agosto, segundo confirmou o presidente da autarquia, Valter Godoy.

As famílias cadastradas, que moram há mais de três anos em Piracicaba e recebem entre um e dez salários mínimos (além de cumprir outras exigências) devem ficar atentas porque até o final de julho a autarquia irá publicar o edital de convocação para atualização de dados "Todas as famílias serão chamadas. Pode ser que sejam 10 mil, 8.000, não sei, mas não vamos restringir, exceto aquelas que não cumprirem as condições exigidas pela CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano) e Emdhap."

Leia esta notícia no original em:

<http://www.jornaldepiracicaba.com.br> - JP

Anexo 5.

**Comprovante da existência da Associação de amigas
do bairro formada por moradoras do Bosques**

GRUPO DE AMIGAS DO BOSQUES DO LENHEIRO

Rua dos Jequitibás, 174 - Fone: (19) 3423-3562

Piracicaba, 31 de outubro de 2003.

REF: Doação

Prezados (as) Senhores (as):

A Direção do Grupo de Amigas do Bosques do Lenheiro sito a Rua dos Jequitibás, 174, em Piracicaba/ SP, requer de V. Sas, a doação de brinquedos para fazer a festa de natal das crianças do Bosques.

Gostaríamos de trazer alegrias para as nossas 3000 crianças, e com muito respeito que pedimos que adote algumas crianças com 1 brinquedo de R\$ 1,99 e doces, sendo meninos e meninas até 10 anos.

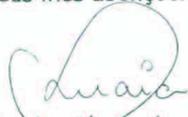
Esclarecemos que este grupo não conta com recursos próprios para comprar os brinquedos que trará um brilho todo especial a esses rostinhos tão lindo que tem nossas crianças.

Estamos a Vossa inteira disposição para que conheça o nosso trabalho no bairro, onde junto com outras parcerias já fazemos uma sopa comunitária no sábado.

Esperando contar com sua especial atenção, antecipadamente agradecemos.

*"Ninguém é tão pobre que
não tenha nada a doar,
ninguém é tão rico que
não tenha nada para receber"*

Deus lhes abençoe!



Claudia Alexandra Cardoso de Souza

- Presidente -

Fone: (19) 3423-3562



Marisa Pimenta

- Coordenadora -

Fone: (19) 3413-5938

Anexo 6.

Noticias de jornal sobre o Bosques

sexta-feira
21 de maio de 2010

» Capa de Hoje



Acessar Jornal
On-Line

» Galerias de Fotos:

- Alessandro Maschio
- Marcelo Germano
- Mateus Medeiros
- Boly Viera

» JP na Escola



Previsão do Tempo

Charge



Aluna de 4 anos tinha droga na mochila

terça-feira, 4 de maio de 2010

Dise (Delegacia de Investigações Sobre Entorpecentes) prendeu ontem em flagrante por tráfico uma faxineira de 22 anos depois que agentes localizaram em sua residência, no bairro Bosques do Lenheiro, uma bolsa com resquícios de cocaína e maconha e material de

Os policiais chegaram ao local após a filha da faxineira, de apenas quatro anos de idade, exibir uma porção de crack, guardada em sua mochila, a colegas da creche onde estuda, localizada no mesmo bairro.

Além da faxineira C.J.M., o pedreiro S.J.S., 48, também foi preso em flagrante e autuado pelo crime de coação no curso do processo. De acordo com o delegado Wilson Lavorenti, titular da Dise, S. foi detido próximo à casa da faxineira momentos depois de entrar na creche, na companhia de outro homem, para tentar coagir os funcionários do estabelecimento a esconder o caso.

Uma unidade do Grupamento Escolar da Guarda Civil foi chamada pelos responsáveis da creche por volta das 13h de ontem assim que a filha da faxineira foi surpreendida ao exibir a droga. "Ela mostrava às outras crianças algo diferente, o que chamou a atenção da professora.

Quando questionada sobre o que era aquilo, a menina afirmou que era farinha e que a mãe havia colocado na bolsa, mas que a farinha era de um tal de Isaías", disse Lavorenti.

Após tomar conhecimento do fato, o delegado pediu que C., funcionários da escola e os guardas-civis comparecessem à delegacia para o esclarecimento do caso. "Quando ouvi a mãe, ela não perguntou sobre a criança e, quando quisemos ir até sua residência, ela disse que não autorizava. Diante disso, enviamos uma equipe ao local e encontramos uma bolsa com forte odor de crack, além de resquícios de maconha. Vamos encaminhar isso à perícia para confirmação." **(Rodrigo Guidi)**

Leia a íntegra da reportagem na edição impressa do JP ou no JP Virtual

Veja também

» Unasul eleje Néstor Kirchner como primeiro secretário-geral.

» OMS prepara orientações para tratamento de pessoas picadas por cobras venenosas.

» ELIA prendem suspeito de atentado frustrado em Nova York.

» Itamaraty diz que lei de imigração aprovada por norte-americanos viola direitos humanos.

» Busca por destroços de avião da Air France é ampliada.

Busca no site:



Ajude a fazer o JP

Envie a sua sugestão de matéria

Clique aqui

JORNAL DE PIRACICABA
www.jornaldepiracicaba.com.br

Assine o JP
3428-4190

2ª a 6ª - das 7 às 20h
Sábados - das 7 às 18h
Domingos - das 8 às 12h

JORNAL DE PIRACICABA
www.jornaldepiracicaba.com.br

Home

Classificados

Assinaturas

Contato

sexta-feira
21 de maio de 2010

» Capa de Hoje



Acessar Jornal
On-Line

» Galerias de Fotos:

- Alessandro Maschio
- Marceio Germano
- Mateus Medeiros
- Boly Viera

» JP na Escola



Previsão do Tempo

DDM apura agressão em escola no Bosques do Lenheir

segunda-feira, 1 de Janeiro de 1900

A DDM (Delegacia de Defesa da Mulher) irá apurar um caso de bullying ocorrido na Escola Estadual Dom Aníger Francisco Maria Melillo, no bairro Bosques do Lenheir. A vítima é uma adolescente de 14 anos. A mãe dela, a manicure Gláucia Cristina Ribeiro, 33, relatou o problema ontem na delegacia e narrou que a filha vem sofrendo agressões, ameaças e humilhações há quatro meses, desde que começou a namorar um rapaz que seria pretendido por outras alunas. A direção da escola, por meio da assessoria de imprensa da Secretaria de Estado da Educação, negou as acusações e afirmou se tratar de um caso pontual. Informou ainda que todas as providências disciplinares foram tomadas e está atenta à situação.

O bullying é caracterizado por atos de violência física ou psicológica cometidos de forma intencional e repetida por uma pessoa ou grupos contra uma determinada vítima para intimidá-la e tornou-se prática comum em escolas, sendo alvo de campanhas para inibir sua prática. Em fevereiro deste ano, por exemplo, a Secretaria de Estado da Educação anunciou que enviaria um manual às suas 5.300 unidades para prevenção do bullying em toda a rede estadual de ensino. Segundo Gláucia, o problema com sua filha teve início há quatro meses quando a adolescente começou a namorar. "Houve uma intriga com outras meninas, que passaram a dizer que minha filha tinha ficado com o menino que uma delas gostava", falou. A partir daí, conforme a manicure, a jovem vem sendo alvo de humilhações na escola feita por adolescentes de outra classe, sendo agredida em quatro oportunidades. "Ela já apanhou dentro da sala de aula e no pátio. Como aconteceu isso pela quarta vez e a diretoria não resolveu o problema, chamei a Ronda Escolar e vim para a DDM. A situação está se agravando", afirmou. Na manhã de ontem, Gláucia disse que houve ainda o envolvimento de um adolescente, colega das outras jovens, que puxou o cabelo e chutou o tornozelo da garota. O BO, de número 1.297/09, foi registrado na DDM como ato infracional de vias de fato e ameaça. A manicure disse ainda ter medo de deixar a filha ir à escola, mas que estará a acompanhado.

Veja também

» Registro de boletins foi interrompido na madrugada.

» Caem acidantes e crescem vítimas.

Um acidente automobilístico acontecido às 19h45 de domingo causou danos na rede elétrica de ...

O sono tranquilo da bebê, que deve chamar-se Luciana, sob o olhar tenro da mãe, a dona-de-casa Mari...

» Presidente de CNRq visita a Esal.

Busca no site:



Ajude a fazer o JP

Envie a sua sugestão de matéria

Clique aqui

JORNAL DE PIRACICABA
www.jornaldepiracicaba.com.br

Charge



Imprimir
Sem Foto

Bosques pede retirada de pombas da escola

sexta-feira, 23 de outubro de 2009
Fonte: M. Medeiros/JP

Mães dos alunos da Escola Municipal José Luiz Pousa de Toledo, no loteamento Bosques do Lenheiro, na região do Mário Dedini, estão preocupadas com a infestação de pombos nas imediações da escola.

De acordo com Luciana de Oliveira Mengiotto, 37, o problema com as aves existe há aproximadamente três anos. "Agora a situação está cada vez pior. Eles estão em maior número e as crianças convivem diariamente com as aves que se abrigam no pátio da escola."

De acordo com a dona-de-casa Adriana dos Santos Teixeira, 31, o pátio da escola é lavado com frequência por causa da sujeira dos pombos. "A diretoria já enviou ofício para a prefeitura, mas nada foi resolvido. Durante o intervalo, ou mesmo na fila da merenda, elas precisam ficar atentas para não serem atingidas pelas fezes das aves", explica.

Para Berenice Alisono, 30, o caso reflete no problema respiratório da filha. "Ela tem rinite alérgica e com os pombos acho que a situação piora. Não adianta tratar dela em casa com remédios sendo que o problema persiste", declara. O JP não teve acesso ao pátio da escola, local onde, segundo as mães se concentram as aves.

Para Adriana, o loteamento carece de atividades sociais para as crianças. "Faltam opções aqui no bairro e acho que nós somos esquecidos. Uma nova diretoria da associação dos moradores será eleita no domingo com o objetivo de buscar melhorias para o loteamento", explica. Os moradores aguardam a reconstrução do centro comunitário no bairro, destruído após atos de vandalismo.

Para a dona-de-casa Natália Souza, 40, outro problema é o agendamento das consultas do PSF (Programa Saúde da Família). "Demora para marcar as consultas. Muitas vezes é preciso ir mais de um dia para agendar", explica.

O médico infectologista Hamilton Bonilha de Moraes explica que os pombos podem ser hospedeiros do fungo *ryptococcus*. Pessoas com baixa resistência imunológica e grávidas podem ter infecções de pulmão em alguns casos. "Os casos desse tipo não são comuns e não há motivos preocupantes para eliminar a população da ave. A transmissão do fungo ocorre em pessoas que estão em tratamento de doenças crônicas como de Aids ou câncer", explica. Moraes informou também que as reações alérgicas podem ocorrer em relação ao contato com as penas das aves, mas também não são comuns em crianças.

Leia esta notícia no original em:
<http://www.jornaldepiracicaba.com.br> - JP

Imprimir
Sem Foto

Moradores do Bosques do Lenheiro esperam reforma

quinta-feira, 3 de setembro de 2009
Fonte: R. Amaral/JP

Depois de uma espera de mais de três anos para sair do papel, moradores do bairro Bosques do Lenheiro acompanham desorientados o andamento das obras de reforma de suas casas. Os moradores reivindicam mais informações sobre o cronograma definido pela Emdhap (Empresa Municipal de Desenvolvimento Habitacional de Piracicaba) para atender as 86 casas que ainda esperam as benfeitorias. Por enquanto, em apenas 60 casas as reformas foram concluídas.

A última reunião com os moradores aconteceu há cerca de um mês e meio e engenheiros que estiveram no local informaram que em um mês outra etapa das obras seria executada.

Moradores disseram que um dos motivos para a morosidade dos serviços seria atraso nos salários dos trabalhadores. "Houve atraso apenas para alguns empreiteiros contratados, mas isso não vai mais acontecer", afirmou Walter Godoy, presidente da Emdhap.

Há mais de 20 dias várias casas receberam a primeira benfeitoria que foi a troca do madeiramento e substituição de telhas e de lá pra cá pouco se avançou, segundo os moradores. Rute Camilo, 48, que mora em uma casa de apenas quatro cômodos com o marido e mais três filhos adolescentes informa que há alguns dias eletricitistas trocaram a fiação, mas ainda aguarda o acabamento elétrico e a ligação da energia. "Também estou ansiosa para receber um tanque novo e a pia da cozinha", revela Rute que como os demais moradores, improvisa enquanto aguarda a conclusão das obras. "Neste abrigo improvisado é onde cozinho e durmo no chão", diz Rute.

Conforme a Emdhap, como as casas abrigam famílias que não têm outro lugar para ficar, se faz necessário um verdadeiro "jogo de cintura" para equilibrar o andamento das obras e as atividades dos moradores no próprio espaço de convívio.

"Estamos trabalhando com duas equipes no local, uma responsável pela reforma dos telhados e a outra responsável pelos itens de acabamento (hidráulica, elétrica, pisos, reboco e pintura)", informa Godoy.

Godoy diz que tem procurado contornar todos os contratemplos das últimas semanas e que está empenhado para que o mais rápido possível a situação seja normalizada.

"Será muito bom termos uma resposta mais ágil, porque de um tempo pra cá as obras estavam muito devagar acarretando muitos transtornos e improvisos", disse a moradora Catarina Oliveira. (Alexandre Franco)

Leia esta notícia no original em:

<http://www.jornaldepiracicaba.com.br> - JP

Imprimir
Sem Foto

Escolas fecham por medo de tiroteio

quinta-feira, 19 de março de 2009

Fonte: Alessandro Maschio/ JP

A ameaça de uma possível represália contra policiais militares pela morte de dois homens em troca de tiros ocorrida anteontem no bairro Mário Dedini levou medo aos moradores do Bosques do Lenheiro, fazendo com que pais de alunos corressesem entre as 15h30 e as 16h de ontem para buscarem seus filhos nas três escolas do bairro. Juntas, elas reúnem cerca de 900 alunos no período da tarde.

O clima era de tensão. A Polícia Militar também intensificou o policiamento na região, que possui cerca de 8.000 moradores, mas o comando afirmou que a decisão foi tomada por causa de um suposto protesto, que cobraria melhores condições do transporte coletivo, e não por conta dos boatos (leia texto nesta página).

Entre os moradores, circulava a informação de que a suposta revolta começaria na entrada do bairro, na rua das Oliveiras com a avenida Aloisio Batista da Silva, em que ônibus seriam incendiados e prédios públicos danificados. A notícia mobilizou principalmente os pais dos estudantes das três escolas do Bosques do Lenheiro, que foram buscar seus filhos antes do término das aulas.

A cena foi a mesma na Escola Municipal Bosques do Lenheiro, que atende cerca de 160 crianças até cinco anos; na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor José Pousa de Toledo, que possui aproximadamente 390 alunos no período da tarde do 1º ao 5º ano, e na Escola Estadual Dom Aniger Francisco Maria Mellillo, com outros 350 estudantes do 6º ao 9º ano e que só saíram por volta das 18h. Das três instituições de ensino, apenas a Emef manteve mais alunos até as 17h. As outras duas haviam fechado antes suas portas e liberado os alunos aos pais.

Um funcionário de uma das escolas, que não quis se identificar, disse que receberam uma ligação de outra unidade escolar informando que corria um boato de um novo tiroteio no bairro. Ele afirma que entrou em contato com a base da PM do bairro, que desmentiu a informação. Contudo, a direção e os próprios professores, que teriam se recusado a continuar na escola por medida de segurança, decidiram pela dispensa.

Uma das mães que correu para a creche foi a dona-de-casa Susy Meire Santos Oliveira, 23. Ela relatou que assistia televisão, quando uma vizinha falou que seria melhor buscar as filhas, de quatro e sete anos, na escola. "Todos pensávamos que haveria uma rebelião no bairro, principalmente porque tinha muita polícia por aqui hoje", falou. A preocupação era a mesma de outros pais. Quem chegava do trabalho, como uma mãe que preferiu não se identificar, também correu para a creche buscar o filho de cinco anos. Outra mãe foi às 16h para pegar o filho de quatro anos. "Por conta dos boatos de rebelião e de que os ônibus seriam interrompidos, muita gente ficou preocupada", disse.

O Jornal de Piracicaba entrou em contato com a Diretoria de Ensino, que não se manifestou sobre o assunto. A Secretaria Municipal da Educação informou que não ocorreu nenhum fato para a dispensa dos alunos, sendo feito ainda um contato com a PM, que garantiu que a situação estava controlada. Sobre os ônibus, o Centro de Comunicação Social da prefeitura informou que não haveria a interrupção do transporte de passageiros para o Bosques do Lenheiro e que, em casos de problemas que colocasse a vida dos passageiros e motoristas em risco, a orientação seria realizar a última parada em frente à Base Comunitária de Segurança da PM, na entrada do bairro.

Leia esta notícia no original em:
<http://www.jornaldepiracicaba.com.br> - JP

Anexo 7.

Convite para a eleição da Associação dos Moradores

O que é uma Associação de Bairro?

É a organização popular mais importante do bairro que representa os moradores para reivindicarções e ações conjuntas com os governos: municipal, estadual nacional e instituições privadas.



Qual é o papel da associação como representação legítima do bairro?

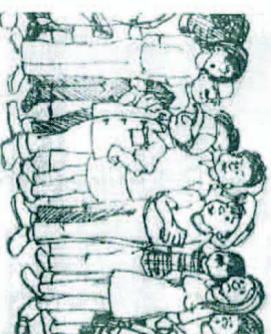
É representar o bairro, nas solicitações de melhorias, nas escolas, creches, saúde pública, meio ambiente, rua, no orçamento participativo, na segurança do bairro, na cultura popular e etc.



O que é que a associação faz para as crianças, para as mulheres, para os idosos e para a população em geral?

Coordena projetos específicos para a cultura e esporte das crianças e da juventude, na luta por creche para que as mulheres possam trabalhar, na busca da formação de cooperativas para geração de renda para os desempregados, na alfabetização de jovens e adultos, na formação política e cidadã, na luta dos direitos humanos de toda a comunidade.

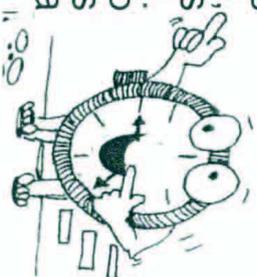
Todos podem participar da diretoria e nas comissões da Associação?



Sim, todos podem, existem aqueles que se candidatam para participar na diretoria, outros para participarem em comissões. Todos os líderes indicados ou escolhidos podem ajudar muito.

Como se faz para votar na primeira diretoria da Associação?

No dia 29 Sábado das 8:00 às 17:00 horas, serão colocadas as urnas na escola municipal. Haverá uma comissão fiscal para orientar os votantes e fazer a apuração dos votos.



Se houver mais de uma chapa, o votante receberá uma cédula com os nomes dos representantes das chapas inscritas. Se houver apenas uma chapa, bastará votar na chapa única.

Não esqueça o bairro é seu, a luta é sua e as conquistas serão de todos.

Faça sua parte, escolha seus Representantes.



Leia com atenção
Dicas para eleger os
líderes do Bairro.



Você e sua família
tem um compromisso
com o seu bairro
no dia

Não deixe de exercer seu direito de votar na eleição na primeira diretoria da Associação do Bairro dos Bosques do Lenheiro



Anexo 8.

Documento sobre a Associação dos Moradores



Piracicaba, 14 de abril de 2004.

Ao
Prof. Almir de Souza Maia
Diretor Geral do IEP

Protocolo nº 1099 15 de 04
Direção Geral - IEP

Dando continuidade às metas traçadas no Fórum da Cidadania, realizado em setembro/2003 com a participação de várias universidades, o NEPEP realizou um estudo-diagnóstico para verificar a situação no Bairro Bosques do Lenheiro, no relativo à organização da população em entidades que as representassem e as mobilizassem. Verificamos a presença de cerca de 50 lideranças no Bairro, atuando de forma dispersa e desarticulada, assim como constatamos que desde o ano 2000 tentavam criar a Associação Amigos do Bairro.

O NEPEP realizou, após o diagnóstico, uma intervenção no Bosques com a intenção de apoiar por meio de processos educativos, a efetiva organização daquele grupo de moradores. Foi realizado um Curso de Capacitação para as lideranças no período de novembro/2003 a fevereiro/2004. No dia 17 de fevereiro de 2004 ocorreu a eleição da Diretoria da Associação, com a participação de 712 eleitores.

Entregamos no seu Gabinete para sua apreciação, o material que registra esse evento.

A primeira atividade da Associação será a realização, nos dias 22 e 29 maio próximo, no Fórum Local de Habitação, nas instalações do SESI na Vila Industrial.

A temática desse encontro será a posse da terra, melhoria nas moradias, definição do valor das prestações das casas, delimitação das áreas de lazer e ações de preservação do meio ambiente.

A representatividade no Fórum será feita por meio da escolha de dois delegados para cada rua, do bairro. Uma das dinâmicas que acontecerão será o diálogo dos delegados com representantes das Secretarias Municipais e para preparar essa atividade estão sendo organizados fóruns preliminares com as Secretarias envolvidas na área de habitação.

Com o intuito de obter participação e apoio do Fórum das Universidades estamos propondo uma reunião para tratar sobre o assunto.

Aguardamos sua resposta, antecipadamente agradecemos sua atenção.

Atenciosamente,

Prof. Francisco Negrini Romero
Coordenador Geral do NEPEP

Núcleo de Estudos e Programas em Educação Popular

Anexo 9.

**Relatório da reunião de encontro com
lideranças do Bosques e Nepep**

Núcleo de Estudos e Programa em Educação Popular – NEPEP

Relatório da Reunião do encontro com as lideranças no
Bosque dos Lenheiros realizada no dia 18 de Setembro de
2003

Os primeiros contactos com o bairro foram realizados mediante a intervenção direta com os próprios moradores e líderes comunitários.

O principal tema abordado na reunião, foi a implementação de um curso de formação e capacitação de lideranças locais.

O primeiro momento da reunião foi marcado pelos relatos dos moradores e lideranças sobre as problemáticas do bairro e suas relações entre os diversos agentes externos: instituições públicas, instituições privadas, ONG's e etc.

Discutimos a seguir os temas a serem abordados no curso apresentando seus respectivos módulos. Tais temas foram selecionados através das realidades do bairro e necessidades para formação de lideranças.

Decidimos marcar uma próxima reunião para próximo dia 25 de setembro, aonde nos reuniremos com o mesmo grupo bem como com outras lideranças, que foram contatadas posteriormente, para finalizar a discussão e esclarecimento dos módulos a serem trabalhados e os beneficiados com o curso.

Equipe NEPEP:
Prof. Francisco Negrini Romero
Pedro Paulo Losi Monteiro
Camila Amaral Tavares

Anexo 10.

**Convite para participação do curso de Formação de
Lideranças**

CONVITE PARA PARTICIPAR DO CURSO DE FORMAÇÃO PARA LIDERANÇAS NO BOSQUE DOS LENHEIROS

Nos últimos seis meses, o Fórum da Cidadania constituído pelas universidades de Piracicaba, procuraram verificar quais os problemas mais graves da população no Bosque dos Lenheiros. No dia 20 de setembro foi realizada uma atividade com professores e alunos destas universidades na parte da manhã nas duas escolas.

A UNIMEP, por intermédio do NEPEP –Núcleo de Estudos e Programas de Educação Popular procurou algumas lideranças para propor realizar um curso com as lideranças nos próximos três meses (outubro, novembro e dezembro).

O curso seria realizado todas as quintas feiras a noite (das 19.30 as 21.00 na Escola Municipal. Cada participante receberia um certificado da Universidade do projeto de extensão. Os temas que seriam trabalhados, será:

- 1- A construção da identidade dos moradores e lideranças no Bosque.
- 2- O que é liderança comunitária, organização popular e movimento popular;
- 3- O que é , e como funciona uma Associação de Bairros e um Centro Comunitário;
- 4- O que é ONGs, Instituições privadas e públicas, agentes externos
- 5- A relação entre os movimentos e organizações populares com as instituições e ONGS
- 6- O que é poder local e poder popular
- 7- O que é grupos de trabalho para geração de renda e economia solidaria
- 8- O que é cooperativismo e associativismo
- 9- Como fazer projetos para o desenvolvimento sustentável e projetos no bairro.

Os temas seriam desenvolvidos de forma participativa e seria produzido um caderno popular com os resultados das discussões do encontro de formação.

Anexo 11.

NEPEP inicia curso de Formação de Lideranças

NEPEP INICIA A FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS NO BOSQUE DOS LENHEIROS

As Universidades de Piracicaba que formam o Fórum da Cidadania reuniram-se várias vezes entre os meses de maio a setembro de 2004 para preparar uma ação extensionista que foi efetuada no dia 20 de setembro no Bosque dos Lenheiros. O NEPEP, que havia participado da preparação e da ação programada, tem reunido-se semanalmente com as lideranças para identificar a causa da pouca participação em eventos programados na comunidade.

Um comissão criada para organizar a Associação de Bairros do Bosque dos Lenheiros e que conta com vários líderes que vieram de outros bairros e favelas, nos informaram o seguinte:

a) havia por parte da juventude e dos adultos, muito interesse na participação do evento, a divulgação que antecedeu o mesmo, anunciou que as atividades seriam direcionadas as crianças, com brincadeiras, jogos, etc Houve muito movimento nas ruas, mas as pessoas não haviam sido motivadas para chegar no local da ação. Outra reclamação é que as lideranças do Bairro muito pouco são consultadas e envolvidas nas ações de ONGs, entidades privadas e públicas. Segundo eles as ações são despejadas na população o que cria uma cultura de dependência muito grande. O trabalho é realizado “para eles”, de forma paternal, carinhosa e solidária, mas o que eles gostariam que as ações fossem “com eles”, de forma que pudessem se fortalecer e construir seu próprio projeto autônomo de organização popular e conduzir seus destinos. Gostariam que os parceiros externos, ajudassem os moradores nas suas carências e sobretudo na “fome” de trabalho, educação, moradia, saúde e no fortalecimento da construção de cidadania. Segundo eles a maioria das ações são organizadas por agentes externos com os agentes externos que trabalham na comunidade. Para eles quando os agentes externos da comunidade vão para sua casa, a comunidade assume seus problemas e dificuldades. Acreditam que mudando esta prática, os agentes externos que atuam na comunidade, ao partirem para seu lugar de origem, as lideranças motivadas por uma boa articulação, mobilizariam a comunidade de acordo com seus interesses para tratar as propostas vindas de fora.

b) O NEPEP fez uma proposta para semanalmente realizar um curso de formação de lideranças com o apoio de alunos que participaram da UNISOL. Os temas que seriam divididos em módulos seriam os seguintes:

- Resgate da identidade. A maioria dos participantes são líderes em sua comunidade, portanto criaram uma identidade a partir de suas lutas nos bairros e favelas que moravam. Quando são situados em uma nova comunidade, cheia

de conflitos e problemas, acabam tendo dificuldade para criar uma nova identidade? Cada participante vem com experiências diversas, o que sugere uma reflexão para melhorar as relações democráticas, assim entender o que é ser líder? O que é organização popular e movimentos populares? O que é e como funciona uma Associação de Bairros e um centro comunitário? No segundo módulo pretende-se trabalhar: O que é um agente externo? Quais as funções, práticas e relações das ONGs., Instituições públicas e privadas? Que tipos de relacionamento podem ser feitos? O que é poder popular e poder local? No terceiro módulo pretende-se trabalhar: noções de economia solidária, cooperativismo, associativismo, geração de renda. O que é um projeto de desenvolvimento comunitário sustentável, como planejar e realizar um projeto e como administrá-lo?

Nas reuniões de preparação do curso de formação e na classe de alfabetização que é realizada na Escola Municipal foram realizadas as inscrições das lideranças. Foi solicitado ao NEPEP que os ajudassem na formação da comissão para a criação da Associação e nos registros dos estatutos da associação, assim como a organização e registro da Associação de Mulheres, que visam organizar a educação infantil e a creche para poderem trabalhar fora da comunidade. Este último pretende criar as mães crecheiras e nos solicitaram mediar alguns contatos iniciais para planejamento e capacitação das mães. Após a realização da formação de lideranças será dado um certificado de extensão aos participantes.

Já foram realizadas sete reuniões semanais, no período das 19:00 as 21:30, e várias visitas nas casas das lideranças. Foram inscritas mais de 20 pessoas para o curso de capacitação.

Piracicaba, 2 de outubro de 2003
EQUIPE DO NEPEP

Anexo 12.

Documento sobre o I Fórum de Habitação

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO BAIRRO BOSQUES DO LENHEIRO
Rua Pau Brasil, nº 336 Piracicaba São Paulo

Piracicaba, 22 de junho de 2004

Ao

Sr. Paiva

Presidente do Sindicato dos Bancários de Piracicaba

Estimado Sr.

A Associação dos Moradores do Bairro Bosques do Lenheiro, esta realizando o I Fórum de Habitação do Bairro Bosques do Lenheiro, que será realizado nos dias 19/06/04 das 14:00 às 18:00 hs (sábado) e no dia 26/06/04 das 08:30 às 17:00 hs (sábado), no SESI – Vila Industrial, com a participação de 80 delegados.

O evento é muito importante para a realização de um diálogo entre os moradores e o poder público, no sentido de encontrarem soluções para a legalização dos lotes, melhorias nas construções, melhoria de infra-estrutura, saúde e educação.

O Bairro vive momentos difíceis de desemprego, violência e falta de perspectiva. Sua ajuda em nos proporcionar 80 refeições ou lanches para a última etapa do Fórum que será dia 26/06/04 (Sábado), nos dará a oportunidade de levantar a auto estima e esperança.

Em anexo segue o Programa.

Aguardamos sua resposta e sua solidariedade.

Atenciosamente,


Simone de Cássia de Souza Portela
Associação dos Moradores do Bairro
Bosques do Lenheiro
Presidente


Francisco Negrini Romero
Núcleo de Estudos e Programas em
Educação Popular/UNIMEP
Coordenador

Anexo 13.

“Carta aberta” elaborada no I Fórum de Habitação

OBRAS

É urgente a complementação da bocas de lobo nas ruas. Que estão provocando acúmulos e alagamento de água nas esquinas das quadras, favorecendo a criação de focos de doenças.

Que as ruas já demarcadas para a construção das canaletas sejam executadas para escoar adequadamente a água para as bocas de lobo.

Reconstrução do asfalto da rua 6 e melhoria na iluminação das proximidades com as áreas verdes.

MEIO AMBIENTE

Precisamos de uma ação coletiva entre o poder público e a população para evitar que se jogue lixo na Rua 6. Os moradores precisam uma conscientização a respeito.

Implementação de praças e parques bem como a manutenção das áreas verdes e de lazer.

LEGALIZAÇÃO, CADASTRAL E DAS MORADIAS

Legalizar o conjunto habitacional Bosques do Lenheiro, registrando no cartório e abrir as matrículas dos lotes.

Revisar e analisar a situação de cada família por meio dos estudos dos cadastros realizados pela EMDHAP.

CPFL

Formar uma Comissão entre a Associação de Moradores do Bairro Bosques do Lenheiro, Faculdade de Direito UNIMEP, com apoio da CPFL para discutir as tarifas de baixa renda implementadas no bairro, bem como revisar o parcelamento dos inadimplentes mediante um levantamento das demandas do bairro pela Associação de Moradores.

SEMAE

Apoiar o desenvolvimento de um projeto voltado para questões ambientais envolvendo ESALQ, SEMAE, UNIMEP e Associação de Moradores, para que a população se eduque no sentido de evitar os constantes entupimentos das bocas de lobos e fossas.

Formar uma Comissão entre a Associação de Moradores do Bairro Bosques do Lenheiro e o SEMAE para discutir inadimplências e formas alternativas de pagamentos mediante o levantamento das demandas do bairro.

Nos comprometemos a lutar juntos para que essas decisões sejam concretizadas e dessa maneira estaremos construindo nossa cidadania. Serão formadas comissões com os moradores, entidades públicas e universidades para coordenar cada proposta específica apresentada.

No II Fórum estaremos avaliando os encaminhamentos, resultados e obstáculos. Para a materialização das propostas do I Fórum nesta carta Aberta.

Neste primeiro fórum estiveram presentes as respectivas entidades:

Simone de Cassia de Souza Portela
Associação dos Moradores do Bairro
Bosques do Lenheiro

Jorge Hamilton Sampaio
Representante do Fórum de Dirigentes das Universidades de Piracicaba e
Coordenadora de Extensão da UNIMEP

Ivete Madeira
Vereadora e Representante da Câmara Municipal de Piracicaba e do Poder Legislativo

Aroldo D. Leite
Coordenador Geral do Programa Família na Escola representando a Diretoria de Ensino

Antônio Celso Braga
Representante da Faculdade de Serviço Social e Fórum dos Dirigentes das Universidades

Leopoldo Belmonte Fernandez
Secretaria Municipal de Educação

Cibelle de Cassia Dalla Póia Marques da Silva
Secretaria Municipal do Desenvolvimento Social

Ricardo Schmidt
Secretaria Municipal da Defesa do Meio Ambiente

Maria Celeste Piva
Representante da Caixa Econômica Federal

APRESENTAÇÃO

O 1º Fórum de Habitação do Conjunto Habitacional do Bosques do Lenheiro foi uma iniciativa da Associação de Moradores, com o apoio do Núcleo de Estudos e Programas em Educação Popular (NEPEP). Juntos articularam-se com o Fórum de Dirigentes das Universidades de Piracicaba, que teve como resultado o apoio das Faculdades de Direito e de Arquitetura da UNIMEP, da Faculdade de Serviço Social e da ESALQ. Foram realizados articulações com algumas Secretarias Municipais, com a Emdhap, CPFL, SEMAE e Caixa Econômica Federal num primeiro diálogo preparatório para este evento.

A Associação de Moradores mobilizou delegados eleitos por rua para participarem do Fórum. Estes formaram grupos onde foram discutidos vários temas relacionados às necessidades básicas dos moradores, levando em conta tanto o depoimento da comunidade quanto o das autoridades. Da discussão dos temas realizados nos grupos surgiu esta carta reivindicatória e de compromisso entre a comunidade Associação de Moradores, Poder Público e outras entidades presentes no Fórum.

CARTA ABERTA DO I FÓRUM DE HABITAÇÃO DO CONJUNTO HABITACIONAL BOSQUES DO LENHEIRO, REALIZADO NOS DIAS 19 E 26 DE JUNHO DE 2004, NO SESI VILA INDUSTRIAL

PROJETOS SOCIAIS

Os cursos de capacitação promovidos pela SEMDES no bairro devem ter maior divulgação para ampliar o número de participantes.

A SEMDES deve priorizar os projetos de geração de renda pois aqueles que se baseiam apenas na doação geram acomodação e conformismo, aqueles que realmente geram renda nos fazem acreditar no nosso potencial produtivo e criativo.

É necessário que haja maior clareza, maior verificação e acompanhamento da Associação nos critérios para estabelecer renda familiar e utilização das bolsas do PET.

Para que o curso de padaria realize de fato uma melhoria na comunidade, será necessário a instalação de unidades produtivas na coletivização de forma cooperativa pois os recursos domésticos não permitem a produção de pães.

O Fórum propõe a criação de uma cooperativa de pedreiros que poderá ser responsável pelas reformas das casas, ampliação e outros trabalhos, depois da legalização dos lotes e assinatura dos contratos de moradia.

Os programas sociais da comunidade devem ser realizados em parceria com a Associação de Moradores do Bosques do Lenheiro na qualidade de nossa representante frente ao poder público.

EDUCAÇÃO

No planejamento do conjunto habitacional está previsto construção de creches nas áreas institucionais, entendemos que é de extrema necessidade, portanto mesmo que a verba seja vetada no orçamento participativo temos o direito adquirido deste benefício.

A quadra de esportes deve ser inaugurada, para isso deverá ter uma melhor iluminação e uma entrada localizada em frente ao posto policial para evitar a ação de depredação.

O bairro necessita da criação de classes de ensino do 2º grau pois há uma grande demanda e a distância da escola impede que realizemos esse estudo.

Os funcionários da escola estadual devem ser capacitados para estabelecer com a comunidade uma relação amorosa e respeitosa, que substitua a imposição pelo diálogo. Acreditamos que a Escola Estadual deva ter uma metodologia adequada ao Bairro.

SAÚDE

O nosso Bairro precisa com urgência da instalação de um Posto de Saúde. Muitas pessoas morrem sem assistência pois a ambulância se nega a vir, dizendo que é papel dos seguradoras e estes por sua vez alegam não ter transporte. Temos direito à vida.

O número de crianças do bairro requer o acréscimo de um médico pediatra.

Devanir Mantoani Júnior
Gerente Poder Público Regional da CPFIL

Antônio de Paula Madeira
Associação de Mutuários de Piracicaba

Francisco Negrini Romero
Núcleo de Estudos e Programas em Educação Popular/UNIMEP

Marta Pimenta
Comissão da Moradia Digna e Decente

Donizete Fernandes de Oliveira
União dos Movimentos de Moradia Nacional

Debora Ramires
Representante do Curso de Direito UNIMEP

Thatiane Moyses Pavlu
Representante e estagiária do Curso de Arquitetura e Urbanismo - UNIMEP

Ana Maria de Maira
Representante da Prefeitura da USP - ESALA e Coordenadora Programa USP Recicla

Antônio Carlos Formaggio
EMDHAP Empresa Municipal de Desenvolvimento Habitacional de Piracicaba

Francisco Reinaldo Cancellero
Secretaria Municipal de Obras

José Luiz Teodoro
Representante e Diretor da Sociedade Beneficente Treze de Maio

José Antônio Soares Ferreira
Representante do SEMAE

Lista de moradores presentes no primeiro Fórum de Habitação do Conjunto Habitacional Bosques do Lenheiro

Ana Maria Cardoso dos Santos	Rosa Helena da Silva
Eliana Fernandes	Rosa Maria Medina
Elisângela Conceição Silva	Sandra Eliete Ferreira Severino
Guilherme Tadeu Marque	Sônia Aparecida de Souza
Irineu Ferreira de Matos	Zilda Aparecida Nunes da Silva
José Luis Medina Campos	Afonso Antônio Soares da Silva
Larice Vencela	Alaide Francisca Leite
Maria Aparecida Rafael	Anita Maria Oliveira Veronize
Maria das Dores Soares Silv	Antonia da Silva Melo
Maria Francisca Santos	Antônio Moreira Silva
Maria Leme da Cruz	Castorino Soares de Oliveira
Maria Rosa do Rio	Cristiane Jesus Lins
Marisa Pimenta	Daura Soares da Silva
Michele Cardoso Nogueira	Denilson Cristiano Ribeiro

Denise da Costa	Nadia Freitas Soares Santos
Deonilda Paulino Marques	Nair Fernandes da Costa
Donizete Leite	Natalia Odete de Souza da S
Edna Lourenço da Silva	Paulino Marques
Eliane Maria Manoel dos Santos	Paulo Sérgio Siqueira
Elias Ferreira de Carvalho	Raimundo Pires Di Franca
Eliniáia Rosa de Jesus	Reginaldo Antônio Stocco
Eunivalnice Antônio	Rita Regina dos Santos
Fátima Ayres	Roselverth Afonso Martins
Francinária Menezes Dantas	Rozina Maria Cordeiro
Francisco Lopes Araújo	Sandra C. Almeida Moraes Si
Francisco Viana dos Santos	Simone Portela
Irenilde Rodrigues da Silva	Sinval Viana dos Santos
Irineu Ferreira Matos	Suelen Patricia Aparecida Bic
Jaqueline Aparecida da Silva	Valdir Aparecido Ganco
Jefferson Benedito	Valdomiro Jesus Dias
Jesuel Clemente Rodrigues	Valmíra Souza de Jesus
José Lotero	Vanderleia Nunes Silva
José Paulo Reis da Silva	Vania Aparecida dos Santos
Josefa Alves da Silva	
Juciene Moraes dos Santos	
Lindaura Alves da Silva	
Lindinalva Joaquina dos Santos	
Maria Benedita Fernandes	
Maria Creusa P. Pereira	
Maria de Fátima Cairas Martins	
Maria de Lourdes Lins	
Maria do Carmo Silva	
Maria do Carmo Simas	
Maria Edith Romero	
Maria Edy Lourenço da Silva	
Maria José dos Santos	
Maria José Oliveira	
Maria Lurdes Lins	
Maria Quitéria Oliveira da Silva	
Maria Teresinha Marques Aleixo	
Maria Viceneide Santos da Silva	
Marília Aparecida Severino	
Mario Francisco dos Santos	
Marta Santana de Melo	

